

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE SANTA DE CATARINA
MESTRADO EM TEORIA LITERATURA

Jaqueline de Quadros Barboza

O ATO DE LER COMO PRÁTICA SOCIAL
A “arqui-leitura” de um cederrom

Florianópolis
2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE SANTA DE CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Jaqueline de Quadros Barboza

O ATO DE LER COMO PRÁTICA SOCIAL
A “arqui-leitura” de um cederrom

Dissertação de mestrado apresentada à
Pós-Graduação em Literatura da UFSC
como requisito para a obtenção do título
de
Mestre em Teoria da Literatura

Orientador: Prof. Alckmar Luiz dos Santos

Florianópolis

2006

Dedicatória

Dedico esse trabalho à minha mãe Tereza pelo amor incondicional e incentivo aos meus estudos e ao meu marido Dilnei por acompanhar de maneira carinhosa essa realização.

Agradeço...

ao professor Alckmar Luiz dos Santos,
à todos integrantes do NUPILL,
à Ivana da Silva Chodrem,
à Sabrina Casagrande e
à Joseni Pasqualini e sua família.

Obrigada pela orientação, apoio e
amizade que todos concederam a mim
nesses anos de estudo.

“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!”

Mario Quintana

Resumo

Uma grande parcela de brasileiros não possuem familiaridade com os livros, contudo concordam com a importância do ato de ler em suas vidas. Na escola uma das funções do ensino de literatura está no reconhecimento da importância da leitura. O aluno que tiver contato com livros em seu dia-a-dia escolar formará uma “consciência receptora” que poderá ser um referencial em sua vida. No mundo globalizado o progresso das tecnologias oferece novos campos para o desenvolvimento de competências fundamentais aos alunos. Para o professor o significativo é perceber a importância de não se curvar às lógicas dos ambientes e das linguagens de programação e sim utilizá-las e ultrapassá-las para que o valor primordial esteja no objetivo da aula e não na apropriação tecnológica. Com esses propósitos no Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística, NUPILL, da Universidade Federal de Santa Catarina, idealizou-se um cederrom literário que oferecesse uma série de informações correlacionadas com a vida e obra do escritor Machado de Assis. O objetivo do projeto é despertar, desenvolver e ampliar o potencial da leitura pelo aluno em um ambiente não-linear e multifacetado.

Palavras-chave: Leitura, hipertexto, Machado de Assis e informática na educação.

Abstract

A great parcel of Brazilians is not familiarized with books, however they agree with the importance of the act to read in their lives. In the school one of the functions of the literature teaching it is in the recognition of the importance of the reading, the student that has contact with books in day-by-day will form a “receiving conscience” that will make the referencial in their life. In a globalization world the progress of the technologies offers new fields for the development of fundamental competences to the pupils. For the Teacher, the significant is to perceive the importance of not bending to the logics of the atmospher and the programming languages and yes to use them and to exceed them so that the primordial value is in the objective of the class and not in the technological appropriation. With those purpose in the Nucleus of Research in Computer science, Literature and Linguistics, NUPILL, of the Federal University of Santa Catarina, idealized a Literary CD ROOM that offered a series of information correlated with the life and workmanship of the writer Machado de Assis. The objective of the project is to wake up, to develop and to extend (can be enlarge) the potential of the reading for the pupil in a no - linear and multifaceted environment.

Key-words: Reading, hipertexto and computer science in the education, Machado de Assis

Lista de ilustrações

GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Gêneros lidos no Brasil

GRÁFICO 02: Local de compra do último livro

GRÁFICO 03: Categorias de leitura ou consulta nos últimos doze meses

GRÁFICO 04: Slide conclusivo da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”

GRÁFICO 05: Condições de oferta – 2003 % de escolas segundo a infra-estrutura disponível

GRÁFICO 06: Desempenho em língua portuguesa dos alunos que têm computador

GRÁFICO 07: Percentual de Escolas Públicas e Privadas com Acesso à Internet e que fazem Uso Pedagógico da Informática

FIGURAS

FIGURA 01: Banco de dados da biblioteca virtual do NUPILL

FIGURA 02: Organização hipertextual do cederrom

FIGURA 03: Página de abertura

FIGURA 04: Página com as ligações fixas

FIGURA 05: Página Conto

FIGURA 06: Os exercícios das palavras Afago e Afável

FIGURA 07: Página Obras

FIGURA 08: Barra de ferramentas da página Obras

FIGURA 09: Bloco de notas

FIGURA 10: Página Vida e Obra

SIGLAS

NUPELL	- Núcleo de pesquisa em literatura, lingüística e informática.
UFSC	- Universidade Federal de Santa Catarina
USP	- Universidade de São Paulo
PROIN	- Programa de apoio à integração graduação - pós-graduação da UFRGS
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Inep	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais AnísioTeixeira
CBL	- Câmara Brasileira do Livro
Bracelpa	- Associação Brasileira de Celulose e Papel
Snel	- Sindicato Nacional dos Editores de Livros
Abrelivros	- Associação Brasileira de Celulose e Papel
RADIOBRÁS	- Empresa Brasileira de Radiodifusão
PCNs	- Parâmetros Curriculares Nacionais
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Basic	- Beginners All-Purpose Symbolic Instruction Code
ARPA	- Advanced Research Projects Agency
INEP	- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MEC	- Ministério da Educação
ProInfo	- Programa Nacional de Informática para a Educação
FUST	- Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações
ANATEL	- Agência Nacional de Telecomunicações
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
SENAC	- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC	- Serviço Social do Comércio
UNICEF	- The United Nations Children's Fund / Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O PAPEL DA LITERATURA	17
1.1 A prática da leitura pelos brasileiros	17
1.2 Algumas funções da literatura	32
1.3 Algumas funções do ensino	33
1.4 A socialização do aluno por meio da leitura	37
2. DO LEITOR DO LIVRO IMPRESSO AO LEITOR DIGITAL	43
2.1 O leitor entre limitações e liberdade	43
2.2 A recepção da obra por parte do leitor	47
2.3 A hipertextualidade: o meio digital e o hipertexto	52
2.4 O hipertexto como ferramenta para um aplicativo	58
3. A INFORMÁTICA NA ESCOLA	62
3.1 O computador na sala de aula	62
3.2 Análise preliminar da inclusão digital na escola	70
3.3 A relação do professor com a tecnologia	75
3.4 A informática nas artes literárias	81
3.5 Biblioteca digital para uma aula presencial ou a distância	83
4. O PROJETO DO CEDERROM	91
4.1 A estrutura para realização do projeto	91
4.2 A hipertextualidade no aplicativo	94
4.3 Organização hipertextual do cederrom	96
4.5 A obra de Machado de Assis em cederrom	99
CONCLUSÃO	109
REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

Ao andar se faz o caminho,
E ao olhar para trás
vê-se a estrada que nunca
se voltará a pisar...

Caminhante, não há caminho,
O caminho se faz ao caminhar.

Antonio Machado (Poesias Completas, 1962)

Conforme já mencionava Seymour Papert, em seu livro “A Máquina das Crianças. Repensando a Escola na Era da Informática” (1994), a cada tecnologia que surge a maioria dos profissionais se aproximam para aproveitá-la, ao contrário de alguns professores que ainda relutam em estabelecer um contato amigável com as máquinas. Como Papert (1994) menciona na seguinte história.

Imagine um grupo de viajantes do tempo de um século anterior, entre eles um grupo de cirurgiões e outro de professores primários, cada qual ansioso para ver o quanto as coisas mudaram em sua profissão a cem anos ou mais no futuro. Imagine o espanto dos cirurgiões entrando numa sala de operações de um hospital moderno. Embora pudessem entender que algum tipo de operação estava ocorrendo e pudessem até mesmo ser capazes de adivinhar o órgão-alvo, na maioria dos casos seriam incapazes de imaginar o que o cirurgião estava tentando fazer ou qual a finalidade dos muitos aparelhos estranhos que ele e sua equipe cirúrgica estavam utilizando. Os rituais de anti-sepsia e anestesia, os aparelhos eletrônicos com seus sinais de alarme e orientação e até mesmo as intensas luzes, tão familiares às platéias de televisão, seriam completamente estranhos para eles.

Os professores viajantes do tempo responderiam de uma forma muito diferente a uma sala de aula de primeiro grau moderna. Eles poderiam sentir-se intrigados com a relação a alguns poucos objetos estranhos. Poderiam perceber que algumas técnicas-padrão mudaram – e provavelmente discordariam entre si se as mudanças que observaram foram para melhor ou para pior -, mas perceberiam

plenamente a finalidade da maior parte do que se estava tentando fazer e poderiam, com bastante facilidade, assumir a classe. (PAPERT, 1994:9)

Com o objetivo de proporcionar um contato maior dos leitores com as obras literárias, alguns projetos evidenciam essa alternativa através do meio digital. O NUPILL da UFSC, a Escola do Futuro da USP, Universidad Complutense de Madrid com os “Guías de Lectura” e o PROIN da UFRGS¹, realizam pesquisas sobre os recursos interativos disponibilizados pelos meios digitais que possibilitam a apreciação do texto literário e buscam despertar a sensibilidade do leitor a essa prática.

Os projetos citados acima pesquisam a literatura em meio digital com o objetivo que o ensino literário possa se incorporar a essa tecnologia num futuro próximo, pois o seu caráter multidirecional e multimídia desperta a atenção dos alunos tornando-os protagonistas ativos durante a sua navegação (BITTENCOURT, 2004). Ao permitir a apropriação dos meios digitais pela área educacional e disponibilizar aos professores e alunos formas diversas para a aprendizagem, torna-se a informática uma ferramenta eficaz para o ensino. Um exemplo dessa ação dos grupos de pesquisa é a proposta do NUPPIL de disponibilizar a leitura da obra e de aspectos literários a partir de um banco de dados, o qual está disponível na internet, com acesso livre aos leitores.

Negroponte (1997) evidencia a importância da informática para professores e seus alunos, afirmando que

talvez nossa sociedade tenha muito menos crianças incapazes de aprender e muito mais ambientes incapazes de ensinar do que hoje

¹ Disponíveis em NUPILL - <http://www.nupill.org/>,
Escola do Futuro - <http://www.futuro.usp.br/>,
Guías de Lectura da UCM <http://www.ucm.es/info/guias/indexe.htm>,
PROIN <http://www.ufrgs.br/proin/>. Acesso em junho de 2006.

percebemos. O computador pode mudar essa realidade, fazendo-se mais capaz de chegar até as crianças com diferentes estilos cognitivos e de aprendizado. (1997:189)

E são as crianças, provavelmente, as primeiras a desbravar e impulsionar, muitas vezes, os seus professores no contato com o novo. O escritor José. J. Veiga (2005) ilustra essa situação em seu conto “A Máquina Extraviada”:

As crianças que não são de respeitar mistérios, como você sabe, trataram de aproveitar a novidade. Sem pedir licença a ninguém (e a quem iam pedir?) (...), certas pessoas que não quiseram se entusiasmar, e garantiram que em poucos dias a novidade passaria (...), o interesse do povo ainda não diminuiu. (2005: 90)

Os professores e os computadores tornam-se a cada dia mais próximos fisicamente. Aos poucos as máquinas estão sendo instaladas nas escolas. Alguns educadores, porém, mencionam a chegada dos computadores em suas escolas como algo desconfortável. Dizia, certa vez, um professor de literatura do Ensino Médio: “O computador torna-se, ao passar do tempo, aquela aranhazinha que está no canto da sala; ela não está nos perturbando, então deixa ela lá, quietinha”².

Na literatura ficcional, essa situação foi evidenciada por Ítalo Calvino quando ele narrou ironicamente a seguinte passagem:

- Senhores, devo antes explicar que a mim agrada ler nos livros só o que está escrito e ligar os detalhes ao conjunto; considerar definitivas certas leituras; não misturar um livro com outro; separar cada um por aquilo que possui de diferente e de novo; mas o que mais gosto mesmo é de ler um livro do princípio ao fim. No entanto, de algum tempo para cá, tudo vem dando errado para mim; parece-me que hoje só existem no mundo histórias que ficam em suspenso e se perdem no caminho. (CALVINO, 2002: 266)

² Em uma reunião realizada com professores de uma escola pública do município de Florianópolis sobre a utilização do laboratório de informática nas aulas de Literatura. Esta foi a manifestação de um dos professores que ensinava a disciplina de Literatura e Português. Com essa singela comparação ele representou em sua fala o desconforto com os computadores na escola.

Todavia, há leitores que, ao realizarem a leitura digital ou impressa, conseguem perceber as ligações entre outros tantos textos. Assim, surge o hipertexto, mencionado por Gérard Genette (1982: 14 e 16) como todo o texto derivado de um texto anterior, por transformação ou por imitação. Para tanto, esses leitores apropriam-se de mause³ e lápis para marcarem os seus linques, nós ou elos. Há, ainda, aqueles que dialogam com a tecnologia atual e utilizam as ferramentas informáticas, a fim de buscar informações no momento em que querem realizar a leitura.

O computador, definitivamente, não traz em seus megabaites a resposta para o questionamento de como ensinar, mas têm ferramentas que podem ser utilizadas para o ensino em sala de aula. A fim de conseguir elaborar um projeto que possua como objetivo exemplificar uma prática literária informática para os professores, foi necessário atentar para o fato de que a leitura no Brasil ainda não é um hábito comum entre as pessoas. Contudo, a importância do ler é compreendida pela maioria dos alfabetizados, que consideram fundamental esse ato para a sua maior socialização e desenvolvimento profissional.

A parcela da população que possui acesso à tecnologia digital é ínfima. Dessa forma, deve-se compreender que é muito difícil o leitor ter o contato com o livro digital. Os “tecno-analfabetos” citados por Cabral (2001) são, em sua grande maioria, a classe economicamente desprivilegiada, já que necessitam ter acesso a um equipamento com custo elevado para poder usufruí-la. É no espaço escolar que

³ Foi preferido, sempre que possível, a utilização de neologismos e palavras similares em língua portuguesa, diferenciando das palavras de origem inglesa, predominantes na tecnologia informática. Não é o caso de uma rejeição das expressões estrangeiras na construção textual, porém optou-se, no caso de existirem correlatas em português, por adotá-las, em lugar dos termos empregados usualmente em língua estrangeira. Assim, emprega-se neste trabalho vocábulo como sítios, como sinônimo de “site” e, assim também: Cederrom por CD-ROM; blogue por “Blog”; linques, elos, nós e ligações por “link”; hiperlinques por “hiperlinks”; internete por “Internet”; marcador de página por “bookmark”; voltar por “back”; clique, clicado, clicando por “clik”; salas de bate-papo por “chat”, megabaite por “megabite”; pontos luminosos por “pixel”; displei por “display e mause por “mouse”

se deve discutir como a informática pode ampliar os conhecimentos e contribuir para a sociabilização de professores e alunos.

Com esse intuito, foi idealizado um projeto que elaborou um conjunto de informações e textos literários informatizados sobre a vida e a obra do escritor Machado de Assis, projetado em um cederrom. O projeto teve como objetivo munir o professor de um material em que ele pudesse trabalhar autonomamente no computador com os alunos.

Diante disso, no início, três pesquisadoras – Ivana da Silva Chodrem, Sabrina Casagrande e Jaqueline de Quadros Barboza - no Núcleo de pesquisas de informática e literatura, o NUPILL, idealizaram a criação de um cederrom educativo, com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de habilidades de expressão e compreensão da linguagem literária. Entretanto, durante o seu desenvolvimento, o projeto foi incorporando-se como fonte primordial para esta dissertação de mestrado.

Com a construção do aplicativo educacional, esperou-se proporcionar aos leitores, em especial aos professores, uma alternativa de trabalho com a leitura e escrita literária em meio digital. O projeto pretende contribuir na formação de subsídios e experiências para os novos estudos e pesquisas sobre literatura e ensino no meio digital.

1. O PAPEL DA LITERATURA

1.1 A PRÁTICA DA LEITURA PELOS BRASILEIROS

Mãos brasileiras
brancas, morenas, pretas, pardas, roxas
tropicais
sindicais
fraternais.
Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
desse Brasil que vem aí.

Gilberto Freyre (O Outro Brasil que Vem Aí, 1926)

Uma grande parcela da população no Brasil não possui familiaridade com os livros. Todavia, índices governamentais indicam que há um aumento do nível de escolaridade do brasileiro. A tendência, dessa forma, é expandir os leitores ao aumentar o número daqueles que freqüentam as escolas.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o Inep⁴, realizou em 2003 a pesquisa intitulada o “Mapa do Analfabetismo no Brasil”. Esse levantamento de dados teve como objetivo fornecer subsídios aos poderes públicos na formulação das políticas educacionais, principalmente nas atitudes de

⁴ O Inep é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), cuja missão é promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro com o objetivo de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral. Para gerar seus dados e estudos educacionais o Inep realiza levantamentos estatísticos e avaliativos em todos os níveis e modalidades de ensino. Além dos levantamentos estatísticos e das avaliações, o Inep promove encontros para discutir os temas educacionais e disponibiliza também outras fontes de consulta sobre educação. Disponibilizado em <http://www.inep.gov.br/institucional/> com acesso em janeiro de 2006.

combate ao analfabetismo. Os dados da pesquisa permitem verificar a diminuição significativa do analfabetismo no país.

No Brasil, a taxa de analfabetismo, entre a população de quinze anos ou mais, índice de idade estabelecido nessa pesquisa, caiu ininterruptamente ao longo do século passado, saindo de um percentual de 65,3% no ano de 1900, para chegar a 13,6%, no final de 2000. Entretanto, uma grande parcela da população (dezesseis milhões) ainda são analfabetos no Brasil.

Para a realização desse levantamento, o Inep estabeleceu o conceito de “alfabetizada”: a “pessoa capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece” (Inep, 2003). Dentre as pessoas alfabetizadas, existem aquelas denominadas “analfabetos funcionais”, aquelas que apenas distinguem letras sem compreendê-las ou apenas conseguem ter a compreensão mínima do conteúdo do texto.

Ao “analfabeto funcional” atribui-se, além das características citadas anteriormente, o mínimo de quatro séries de estudos escolares concluídas. O levantamento, que tem como base esse critério para a análise dos dados, possui uma maior aproximação à realidade social e econômica. Analisando esse aspecto, o número de brasileiros analfabetos aumentaria para mais de trinta milhões, considerando a população de quatorze anos ou mais.

A prática da leitura no Brasil pode ser compreendida, também, a partir do levantamento de dados realizado em 2003. A análise ocorreu por amostragem que visou à representatividade total da população brasileira de alfabetizados. A pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”⁵ objetivou “identificar a penetração da leitura de livros e o acesso a livros”⁶ (CBL/Bracelpa/Snel/Abrelivros, 2003).

⁵ A pesquisa foi feita sob encomenda e financiada pelas seguintes entidades ligadas à área do livro: CBL - Câmara Brasileira do Livro, Bracelpa - Associação Brasileira de Celulose e Papel, Snel - Sindicato Nacional dos

Os dados comprovaram que o acesso ao livro é dificultado, principalmente, pelo baixo poder aquisitivo da maioria dos leitores. O levantamento também evidenciou que os brasileiros utilizam diversas alternativas para conseguirem acesso ao livro. As seguintes situações foram mencionadas na pesquisa como facilitadoras à leitura: receber de presente, ganhar da escola, conseguir com amigo ou retirar por empréstimo em biblioteca.

O percentual das práticas conciliatórias de leitura é muito baixo, pois apenas 4% dos leitores o acessam na escola e 8% na biblioteca. A grande maioria são adquiridos por compra, o que representa 50% do total de obras lidas. Os dados iniciais do levantamento demonstram outro fato preocupante: a biblioteca é utilizada raramente. A própria pesquisa revela, em sua conclusão, que há necessidade da elaboração de projetos específicos para que a biblioteca seja aproveitada mais democraticamente. A “Agência Brasil”⁷ divulgou dados em 2004 sobre a situação que se encontram as bibliotecas:

 cerca de 1.300 municípios brasileiros das regiões mais pobres não possuem uma biblioteca pública.

.....
 Nos Estados Unidos 30% dos livros editados são adquiridos pelos acervos públicos. No Brasil somente 1% da produção editorial destina-se às bibliotecas.

 A aquisição de livros pelas bibliotecas norte-americanas é maior do que todo o consumo brasileiro. (RADIOBRÁS, 2004)

Editores de Livros e Abrelivros - Associação Brasileira de Editores de Livros; a empresa que a executou, coletando dados entre dezembro de 2000 e janeiro de 2001, foi a A. Franceschini Análises de Mercado. Uma série de 88 slides sobre a pesquisa realizada por A. Franceschini Análises de Mercado, 2003. Disponibilizado em <http://www.crb7.org.br/cursoseventos/retratodaleituranobr.ppt> com acesso em janeiro de 2006.

⁶ Todos o dado relacionado entre aspas e que não citarem as referências bibliográficas são menções da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” (CBL/Bracelpa/Snel/Abrelivros, 2001).

⁷ A Agência Brasil é responsável pela produção das notícias veiculadas pelo sistema Radiobrás, que também é composto por quatro rádios (Rádio Nacional AM, Rádio Nacional FM, Rádio Nacional do Rio de Janeiro e Rádio Nacional da Amazônia) e duas emissoras de televisão (TV Nacional e TV NBr). Sua missão é ser uma agência de notícias pública, de acesso livre, de reconhecida credibilidade e abordagem pluralista, tornando-se referência ética na cobertura de atos e fatos relacionados a governo, Estado e cidadania, por meio da produção de conteúdo jornalístico preciso e objetivo. Material institucional da Radiobrás. Disponibilizado em <http://www.radiobras.gov.br> com acesso em janeiro de 2006.

As entidades ligadas diretamente à distribuição de livros formulam concepções a respeito da biblioteca no Brasil. O vice-presidente da Câmara Brasileira do Livro⁸, Bernardo Gurbanov, contrapõe-se ao pensamento corrente de que uma biblioteca se faz principalmente com a doação de livros. Afirma que “é preciso mudar esse conceito, que já está muito difundido. Esse conceito de que biblioteca se faz com doação está errado, eterniza o atraso” (RADIOBRÁS, 2004).

Regina Zilberman, em entrevista concedida para o “Jornal do Brasil”, em 2001, analisa a precariedade das bibliotecas no país ao comentar que os próprios editores não colaboram para mudar a realidade, pois “o industrial acha que a biblioteca é seu principal inimigo, porque vai lhe tirar leitores. Na verdade, ela forma leitores”.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)⁹, elaborados pelo Ministério de Educação, é mencionada a importância da utilização da biblioteca escolar pelos alunos. Nos PCNs é evidenciado a formação de leitores e a importância de requerer condições favoráveis para a sua utilização, estabelecendo, dessa forma, que

a escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas entre outros. (PCN, 1998: 71)

Com o levantamento realizado pela pesquisa “Retratos da leitura no Brasil” pode-se concluir que o ato de ler deve-se a dois fortes componentes: “total dependência de escolaridade e do poder aquisitivo”. A pesquisa estabelece duas possibilidades para auxiliar a formação do leitor. A primeira, o aumento da

⁸ Fundada em 1946, a Câmara Brasileira do Livro (CBL) é uma entidade independente, sem fins lucrativos, com a missão de estimular a leitura no País, promover a indústria e o comércio do livro e defender os interesses de seus associados. Reúne editores, livreiros, distribuidores e profissionais de venda direta e desenvolve uma série de atividades e eventos, para difundir a produção editorial brasileira. Disponibilizado em <http://www.cbl.com.br> com acesso em janeiro de 2006.

⁹ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) são uma proposta do Ministério da Educação do Brasil - MEC, para superar a atual crise da educação básica no Brasil, atuando como uma referência para a transformação dos objetivos, conteúdo e didática dos ensinos Fundamental e Médio. Disponibilizado em <http://www.mec.gov.br/sef/sef/pcn.shtm> com acesso em janeiro de 2006.

escolaridade da população e de sua permanência na escola, a segunda aconteceria o acesso facilitado a livros para a população (CBL/Bracelpa/Snel/Abrelivros, 2003).

O impedimento maior para a aquisição de livros, como já foi mencionado, é o econômico, alcançando o índice de 57%. O percentual é dividido nos seguintes fatores: “custo do livro” (34%) e “falta de dinheiro” (23%). Sendo assim, observa-se que uma pequena parte da população brasileira (18%) possui a maior parcela de livros (73% entre os didáticos e não didáticos). Pode-se dizer que o acesso a livros “apresenta dinâmica idêntica à distribuição de renda no País, onde poucos têm muito e muitos têm pouco” (CBL/Bracelpa/Snel/Abrelivros, 2003).

Para melhor compreender o leitor brasileiro outros aspectos mencionados no levantamento tornam-se relevantes. Por exemplo, as pessoas que não procuram formas alternativas de leitura (31%) culpam o seu distanciamento dos livros à “falta de estimulação”. Contudo, os estímulos à leitura, quando ocorrem, são devido à procura de “informação”, pela “indicação de conhecidos” ou por “solicitação formal da escola ou da empresa”.

Entre os gêneros de leitura corrente no Brasil os “livros religiosos em geral” são os mais lidos (38%) e a Bíblia é responsável por quase metade desse índice de leitura (18%). Entre os leitores (14% da população, um conjunto estimado em doze milhões de brasileiros que liam um livro no dia da entrevista) os gêneros mais citados foram: “literatura adulta” (29%), “religião” (20%), livros de “filosofia e psicologia” que inclui o gênero auto-ajuda (19%) e a “Bíblia” (18%). O gráfico a seguir demonstra todas as classes mencionadas na pesquisa, considerando que foram 1,3 exemplares lidos por ano, em média, por leitor.

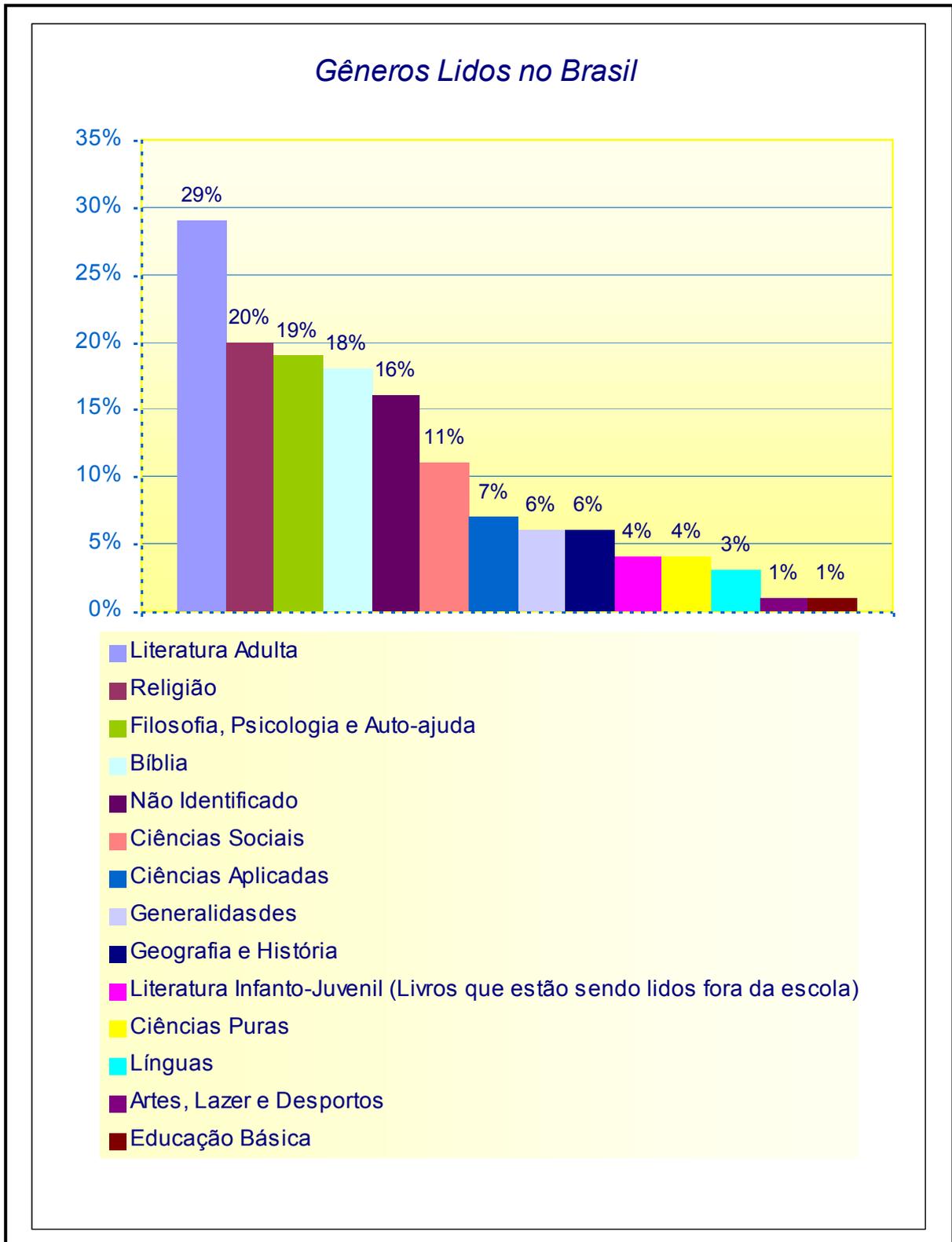


Gráfico 01: Gêneros lidos no Brasil
"Retratos da leitura no Brasil"

Uma das finalidades da pesquisa foi verificar o potencial de consumo do brasileiro para o mercado livreiro. Estipulou-se, assim, como um dos objetivos da pesquisa “levantar o perfil do comprador de livros no Brasil”. No entanto, além desse motivo comercial, é possível utilizar esses dados para conhecer melhor os hábitos de leitura dos brasileiros que compram livros.

A pesquisa demonstrou que 57% das pessoas que adquirem livros preferem comprá-los na “Livraria”. No entanto, as pessoas que possuem pouca renda encontram formas alternativas para a aquisição dos livros, como: a “Banca de Jornal” (8%), a “Igreja” (8%), o “Vendedor / Porta em porta” (7%), a “Banca / loja de livros usados” (5%) e o “Supermercado” (2%).

Entre a relação de cidades pesquisadas, as grandes “metrópoles” estabelecem o maior número de vendas de livros, ao atingir a marca dos 63%. As cidades pequenas preponderam com 16% das vendas realizadas pelo vendedor porta a porta, sendo que, nas capitais, esse índice é de apenas 3%. Abaixo é apresentado o gráfico que representa a proporcionalidade entre os locais de compra do último livro.

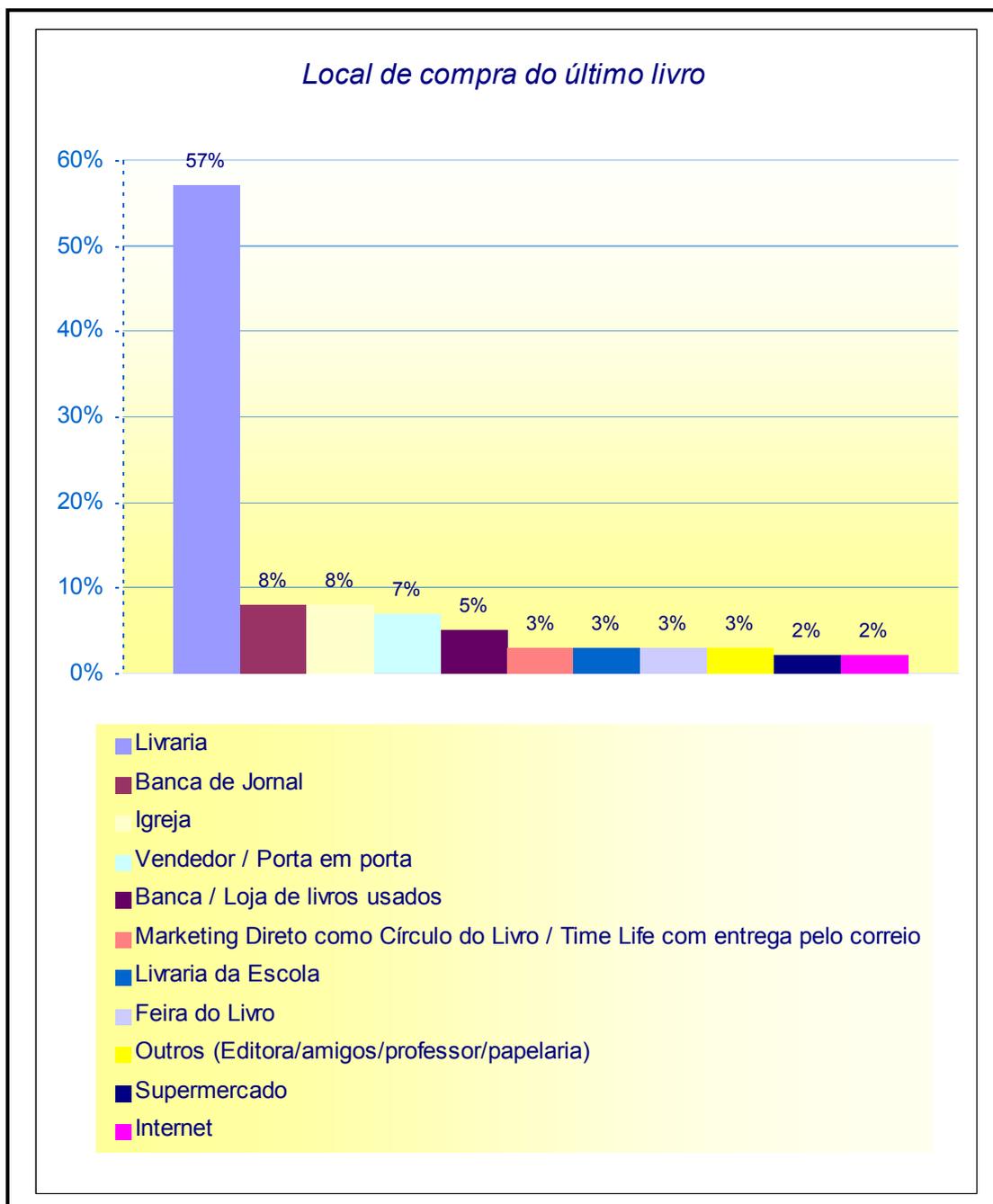


Gráfico 02: Local de compra do último livro
"Retratos da leitura no Brasil"

Também foram citadas, pelos entrevistados, as principais razões para a compra de livros não-didáticos: a "obtenção de conhecimento", que se configurou para 30%, "ter momentos de distração e lazer", o qual obteve um índice de 22% , "evoluir espiritualmente", com 17%, e 14% mencionaram "dar de presente".

Outros dados do levantamento permitem analisa quem é o leitor efetivo e qual é o seu perfil relacionado com a sua escolaridade e situação econômica.

Leitor efetivo: Leu pelo menos um livro nos últimos três meses.

📖 30% da população alfabetizada no Brasil com mais de 14 anos (26 milhões de leitores no País).

📖 14% da população alfabetizada no Brasil com mais de 14 anos declaram não ter hábito de ler nada (12 milhões de alfabetizados no País).

Escolaridade:

📖 O público com ensino médio é o maior mercado leitor. Decisiva influência do grau de instrução na leitura.

Classe Econômica:

📖 Presença de leitores cresce nos estados de renda mais elevada. Sul (17%) e Sudeste (49%).
(CBL/Bracelpa/Snel/Abrelivros, 2003)

É interessante apontar a diversidade nas modalidades de impressos consultados na pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil”. Esses dados expõem que o campo das práticas de leitura tornou-se bastante amplo. Os leitores que declararam que “costumam ler” citaram vinte e dois tipos diferentes de categorias de livros para leitura ou consulta que utilizaram nos últimos doze meses. Os mais citados foram: “religiosos” (43%), “didáticos” (33%), “dicionários” (29%) “poesias” (23%), “culinária” (22%), “quadrinhos” (21%), “livros infantis” (21%) e os “romances nacionais e internacionais” (19%).

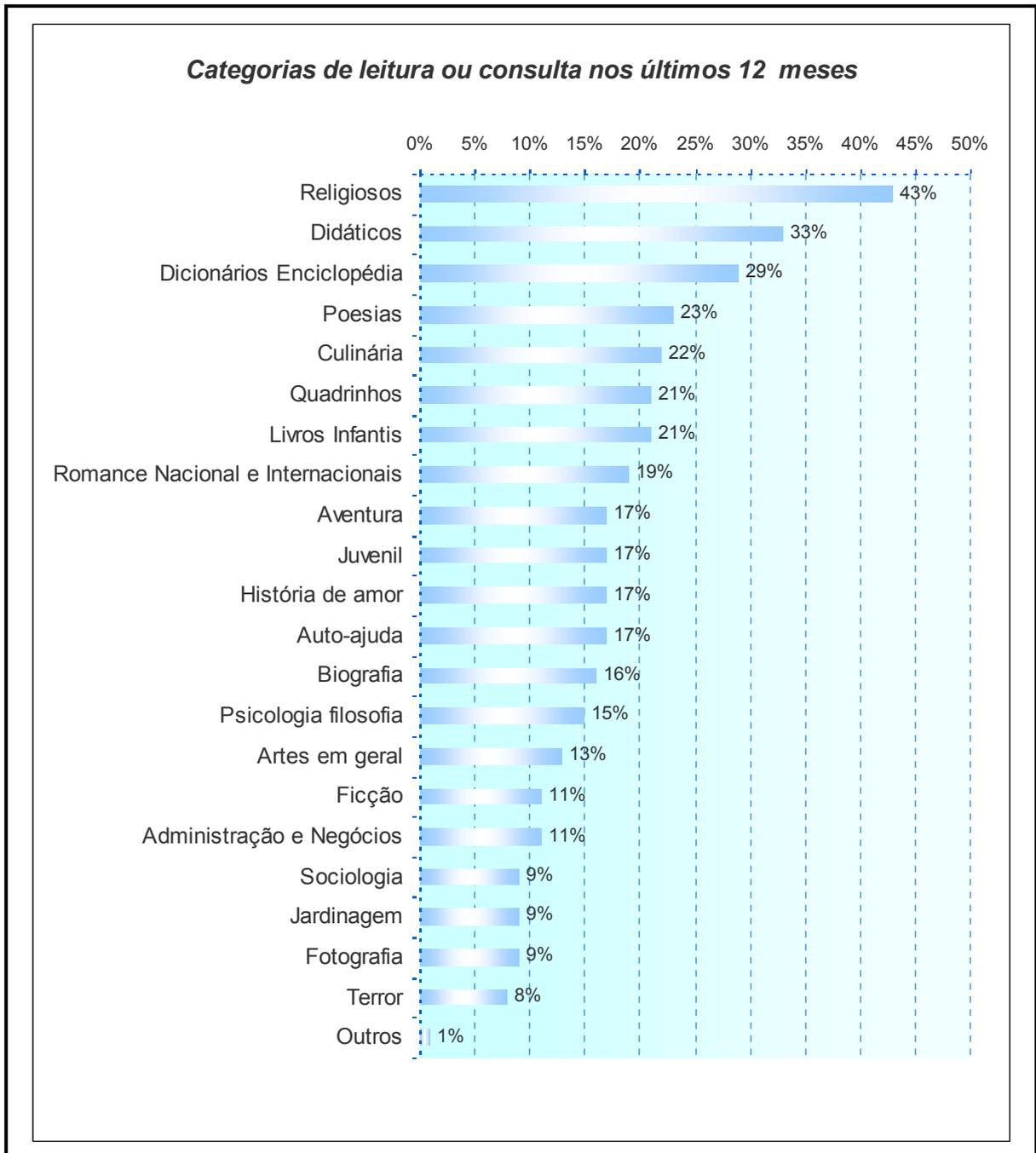


Gráfico 03: Categorias de leitura ou consulta nos últimos doze meses.
“Retratos da leitura no Brasil”

A concepção de leitura que ignora as modalidades de apropriação diferentes das configuradas pela literatura erudita é discutida pela autora Márcia Abreu (1999).

Ela pondera as seguintes afirmações: "mas as pessoas lêem livros sem valor" ou "este tipo de leitura não interessa".

Estas observações - filhas do mesmo discurso que gera comentários como "esta é uma nação de iletrados", "este é um povo ignorante" – (...) Numa atitude totalitária, imaginam que todos deveriam ler os mesmos livros e apreciá-los da mesma forma. Aceita-se que as pessoas tenham religiões diferentes; que tenham opiniões políticas distintas; que falem de várias maneiras; que pensem seu lugar no mundo das formas mais variadas. Mas é difícil aceitar que elas possam ter interesse por livros de auto-ajuda, que gostem de ler "best-sellers", que consultem livros esotéricos para organizar sua vida. O campo da leitura - com destaque para a literatura erudita - é dos mais dogmáticos e, por isso mesmo, aquele que oferece maior resistência a questionamentos e modificações. O autocentramento dos profissionais ligados ao livro faz com que desconhecamos as práticas, os objetos e os modos de ler distintos daqueles presentes nos meios eruditos. Faz também com que a leitura se revista de juízos de valor. Tomando-se como modelo de leitura e tomando os livros que lêem como modelos de livro, inferiorizam os demais leitores, tidos como ingênuos, despreparados ou, simplesmente, não-leitores (Abreu, 1999)

As escolas possuem o objetivo de diminuir o percentual de não-leitores e para esse efeito valorizam os diferentes modelos de leitura. Nos planejamentos das aulas de leituras estão inseridos os gibis, as revistas, os jornais, os "best-sellers" entre tantas outras formas de leituras, com o propósito de incentivar a importância do hábito de ler.

A pesquisa constatou que a percepção da importância do livro já ultrapassou os muros escolares. O brasileiro identifica o livro como uma "imagem de importância e valorização social", pois o relacionam com "transmitir o conhecimento" (89%), como uma importante "forma de se atualizar" (82%) e consideram fundamental ter o hábito de "ler para os filhos" (81%).

O mundo atual disponibiliza novas ferramentas que propiciam dimensões diferentes de leituras. No item "Modernidades" da pesquisa são analisadas algumas dessas transformações:

- 📖 69% declaram ter formas mais modernas de se atualizarem:
Estratos econômicos mais baixos: comparam com rádio / TV / jornal e revistas;
Estratos econômicos mais altos: comparam Internet / TV paga

Os dados relacionados ao “Entretenimento” e ao “Prazer” também propiciaram constatações relevantes.

- 📖 Entretenimento (25%) – Destituído aqueles que são leitores obrigatórios:
“Só leio para o meu trabalho” (26%),
“Só leio para estudar” (28%),
“Nunca peguei um livro espontaneamente” (23%)
- 📖 Prazer (39%) – Ausência de prazer com a leitura se dá mesmo nos estratos mais altos:
Classe A (33%),
Instrução superior (25%)
(CBL/Bracelpa/Snel/Abrelivros, 2003).

O levantamento “Retratos da leitura no Brasil” definiu a quantidade de leitores adultos no Brasil, aproximadamente vinte e seis milhões. Na comparação quantitativa, os brasileiros superam a quantidade de leitores na França em 11%. Além disso, o Brasil possui 8,5 vezes o número de leitores de Portugal.

O grupo equivalente à categoria “leitor efetivo” da pesquisa brasileira surpreendeu ao ser comparado a um levantamento semelhante realizado na Europa. A população francesa (23,5 milhões) alcançou 49% de “leitor efetivo” e a portuguesa 37% (3 milhões) (CBL/Bracelpa/Snel/Abrelivros, 2003). Os 30% de “leitores efetivos” do Brasil (170 milhões) representam um índice significativo, considerando o histórico de o Brasil ser um país emergente em desenvolvimento.

Outras pesquisas demonstram que a população da Alemanha está lendo cada vez menos: apenas 4% dos entrevistados têm interesse em ler algum drama. A situação não é diferente em outros países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, menos de 50% das pessoas que são “leitores efetivos” se dedicam à leitura de romances. A

partir dos resultados dessas pesquisas, o jornal "Deutsche Welle" (2004)¹⁰, com circulação na Alemanha, questionou se "a leitura está fora de moda no mundo moderno".

A UNESCO¹¹ (2004) preocupada em valorizar a leitura em todos os países, forma, divulgou alguns fatores importantes para uma sociedade aprimorar o hábito de leitura. São eles:

- 📖 ter nascido numa família de leitores,
 - 📖 ter passado a juventude num sistema escolar preocupado com o estabelecimento do hábito de leitura,
 - 📖 o preço do livro,
 - 📖 o acesso ao livro e
 - 📖 o valor simbólico que a população atribui ao livro.
- (UNESCO, 2004)

A realização da pesquisa da Câmara Brasileira de Letras é importante para conhecer e evidenciar os aspectos relevantes que formam uma pauta para as atitudes que desenvolveram o ato da leitura no País. Esse levantamento resultou no seguinte gráfico:

¹⁰ A "Deutsche Welle" é a cadeia de informação internacional da Alemanha. Tem por meta transmitir para o exterior informações amplas sobre a Alemanha, além de tratar, sob a perspectiva alemã, de temas mundialmente relevantes, criou um fórum que promove a compreensão e o intercâmbio entre as culturas e os povos. Disponibilizado em <http://www.dw-world.de> com acesso em janeiro de 2006.

¹¹ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) foi criada em 16 de novembro de 1945, logo após a Segunda Guerra Mundial. A premissa de sua Constituição é: "Se a guerra nasce na mente dos homens, é na mente dos homens que devem ser construídas as defesas da paz". Atualmente, a UNESCO conta com mais de 191 Estados Membros; que se reúnem a cada dois anos, em sua Conferência Geral, para discutir e deliberar sobre importantes questões de âmbito mundial. Além disso, ela promove inúmeros estudos, reflexões e reuniões com os governos, dirigentes e especialistas dos países que a integram com o objetivo de aprofundar o exame de temas sociais. Disponibilizado em <http://www.unesco.org.br/> com acesso em janeiro de 2006.

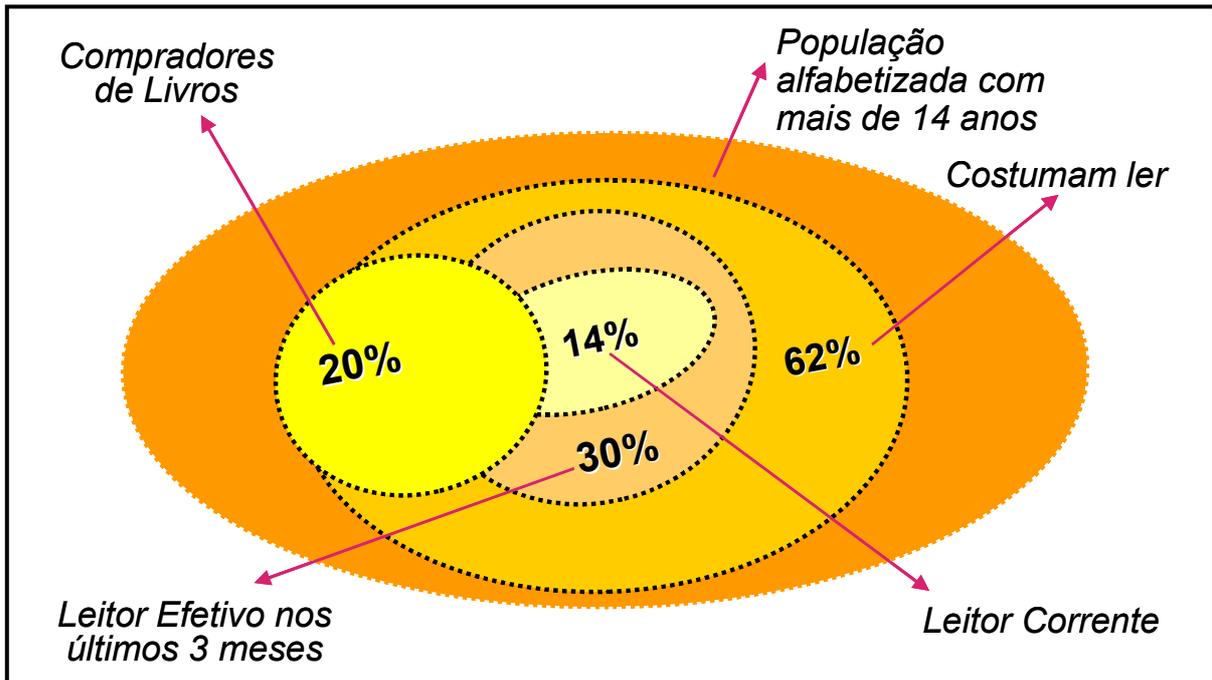


Gráfico 04: Slide conclusivo da pesquisa "Retratos da Leitura no Brasil"
"Retratos da leitura no Brasil"

Entre os brasileiros aptos à leitura, 62% disseram que "costumam ler", mas apenas 30% efetivamente leram ao menos um livro nos últimos três meses. Regina Zilberman, em entrevista ao "Jornal do Brasil" (2001), considera esses índices altos.

"As pessoas lêem mais do que nós pensamos. Os leitores efetivos no país chegam a 26 milhões, um número bastante alto que impede um discurso *vitimista* de escritores e editores", diz Regina, que é autora, em parceria com Marisa Lajolo, do livro *A formação da leitura no Brasil* (Ática). No entanto, para ela nem tudo são flores. "O problema é que o mercado não é organizado. Se em vez de ficar choramingando a indústria se organizar, tudo pode melhorar", sugere. (Jornal do Brasil, 2001)

O levantamento realizado contradiz o senso comum de que o brasileiro não lê, pois, apesar de todas as dificuldades, comprovou-se na pesquisa que 62% se consideram leitores de livros, 68% o são de jornal e 75% lêem revistas. A dificuldade de acesso a outras formas de leitura, como aquelas oferecidas pela

internet, é imensamente superior a todos os outros diagnósticos, pois apenas 2% o fazem na rede mundial dos computadores.

Uma grande parcela da população brasileira não está atualizada informaticamente. Embora pertença a um período histórico altamente tecnológico, apenas uma parte minoritária da população dispõe de computador. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE¹², na “Pesquisa Nacional de amostragem de domicílios” (2004), das cento e setenta milhões de pessoas apenas 16,3% possuíam o equipamento e 8,6% utilizavam a internet.

Uma vez que o computador está presente em poucas residências dos brasileiros, é compreensível que o uso da internet, para a realização de leitura ou obtenção de livros, fosse lembrado por apenas 2% dos entrevistados. Todavia, esse percentual desmente o anúncio do fim do livro impresso, pois é ainda ele, o texto escrito em papel, predominantemente conhecido no Brasil e de maior acesso por grande parte da população.

Espera-se, porém, que o uso do computador estabeleça percentuais parecidos ao do aparelho de televisão, o qual está em “89% das residências brasileiras” (IBGE, 2004). Quando o computador estiver presente na maioria das residências dos brasileiros, possivelmente haverá um avanço significativo na obtenção de livros pela internet e na leitura em rede, o que poderá auxiliar a elevar a prática da leitura a percentuais maiores.

¹² O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE se constitui no principal provedor de dados e informações do país, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal. Disponibilizado em <http://www.ibge.gov.br> acesso em janeiro de 2006.

1.2 ALGUMAS FUNÇÕES DA LITERATURA

Folheada, a folha de um livro retoma
o lânguido e vegetal da folha folha,
e um livro se folheia ou se desfolha
como sob o vento a árvore que o doa;
folheada, a folha de um livro repete
fricativas e labiais de ventos antigos,
e nada finge vento em folha de árvore
melhor do que vento em folha de livro.
Todavia a folha, na árvore do livro,
mais do que imita o vento, profere-o:
a palavra nela urge a voz, que é vento,
ou ventania varrendo o podre a zero.

João Cabral de Melo Neto (Educação pelas Pedras, 1966)

As funções da literatura foram se transformando no decorrer das épocas, o que contribuiu para formar a língua, criar identidade e comunidade. A literatura acompanhou e participou das diversas modificações da língua, como exemplifica Umberto Eco (2003), citando a obra do escritor Dante Alighieri para demonstrar as modificações que a língua italiana sofreu.

A língua vai para onde quer, mas é sensível às sugestões da literatura. Sem Dante não haveria um italiano unificado. Quando Dante, em *vulgari eloquentia*, analisa e condena os vários dialetos italianos e se propõe a forjar um novo vulgar ilustre, ninguém apostaria em semelhante ato de soberba, e no entanto ele ganhou, com a Comédia, a sua partida. (ECO, 2003: 10-11)

De acordo com este autor, a tradição literária deve ir além dos fins práticos, tanto nas escolas como para registrar leis, fórmulas científicas e atas de sessões. Os livros devem ser lidos, preferencialmente, por deleite, elevação espiritual, ampliação

dos próprios conhecimentos, talvez por puro passatempo, sem que ninguém obrigue o leitor a fazê-lo (com exceção das tarefas escolares).

1.3 ALGUMAS FUNÇÕES DO ENSINO

Mãos Dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Carlos Drummond de Andrade (Sentimento do Mundo, 1998)

As funções do professor no século XIX delineiam um roteiro para o novo ofício que necessita de

prática reflexiva, profissionalização, trabalho em equipe e por projetos, autonomia e responsabilidade crescentes, pedagogias diferenciadas, centralização sobre os dispositivos e sobre as situações de aprendizagem, sensibilidade à relação com o saber e com a lei delineiam um roteiro para um novo ofício. (COMPAGON Apud MEIRIEU, 1989).

As novas competências profissionais para ensinar surgem a partir da relação com a contemporaneidade, os professores buscam compreender as práticas educacionais que se mostram válidas. Philippe Perrenoud (2000) menciona que o

problema educacional do fracasso escolar é uma das preocupações latentes do educador e, por isso, compõem um dos maiores desafios na atualidade.

A fórmula para uma atitude em defesa ao ensino é, segundo Huberman (Apud Perrenoud, 2000), “não morrer de pé, como o giz na mão, no quadro-negro”. Quando os professores contornam as escassas finanças públicas e o desamparado social dos seus alunos, realizam mudanças nas suas próprias funções.

Barthes (2004), na aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, em 1977, finalizou a sua fala manifestando o início de uma “vita nuova”. Iria começar a lecionar em um colégio em que, dentre suas qualidades preferidas, estava a de deixá-lo renovar. Mencionou que é tão importante a renovação da escola como a da prática educativa do professor. Assim sendo, é importante compreender que é através do tempo que o professor desenvolve o seu método de ensino e o transforma. Menciona ainda que

há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. (BARTHES, 2004:47)

As novas competências dos professores, citadas tanto por Barthes (2004) como por Perrenoud (2000), evidenciam a necessidade do professor de modificar a sua maneira de ensinar, conforme as mudanças que ocorrem com ele e com o mundo.

A transformação das funções da literatura desafiou os professores se posicionar de maneira diferente diante das necessidades da escola. Esses profissionais de educação compuseram novas atitudes em sala de aula, priorizaram

um comportamento de facilitador, incentivador e motivador, condizente com a proposta de uma aprendizagem ativa e que, dessa forma, colaboraria para que o aluno alcançasse os seus objetivos.

A idéia de professor mediador surgiu com o desenvolvimento, a partir da década de 70, da “pedagogia progressista”, caracterizada por uma nova relação professor-aluno e pela formação de cidadãos participativos e preocupados com a transformação e o aperfeiçoamento da sociedade. Dessa forma, a função do professor deixa de ser o de difundir conhecimento para exercer o papel de provocar o estudante a aprender a aprender. Esse conceito também está presente na perspectiva da escola cidadã, idealizada por Paulo Freire, na qual o professor deixa de ter um caráter estático e passa a ter um caráter significativo para o aluno. (Dicionário Interativo da Educação Brasileira)¹³

A escola sempre foi a principal responsável por socializar o sistema da escrita, a alfabetização e de possibilitar a difusão de novos leitores. A leitura esteve sempre indelévelmente vinculada com a escola e se desenvolveu mais rapidamente como prática social durante a Revolução Industrial. Nesse período um número maior de leitores tornava-se apto ao consumo de textos e a escola institucionalizada fornecia leitores para o mercado. Assim, a leitura

assumiu sentidos variados, embora nem todos visíveis. Enquanto fator de elevação social, foi julgada positiva e necessária; mas, enquanto virtual instrumento de acesso a um material indesejado – como as chamadas “más leituras” –, foi criticada, censurada, proibida. Não foram poucos os textos que, ainda no século XVIII, se viram na condição de perseguidos e discriminados. A Enciclopédia consiste no exemplo mais renomado; essa condição, porém, se transferiu a produtos menos prestigiados, impedidos de circular ou reduzidos à clandestinidade em nome da moral e dos bons costumes. (ZILBERMAN, 2004:16)

Barthes menciona que, a partir da movimentação estudantil ocorrida em Paris, em maio de 1968, a crise no ensino foi deflagrada: “os valores antigos não se

¹³ Disponibilizado em <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic> com acesso em maio de 2006.

transmitem mais, não circulam mais, não impressionam mais; a literatura desde então está dessacralizada, as instituições estão impotentes para protegê-la e impô-la como o modelo implícito do humano” (2004: 42).

Uma das funções do ensino da literatura está no reconhecimento da importância do leitor. Segundo Wolfgang Iser (1996) o aluno, ao ter contato com o mundo, em sua dia-a-dia, forma o seu código sócio-cultural e constitui uma “consciência receptora”. Na escola, o aluno aprimora e amplia esse conhecimento e, assim, vai fazendo a “seleção daquilo que constitui (...) a base da consciência” (ISER; 1996:13).

Transformar o aluno em “leitor ideal” não deve ser o objetivo do professor, pois essa forma de leitura é irrealizável, porque “representa uma impossibilidade estrutural da comunicação. Pois um leitor ideal deveria ter o mesmo código que o autor” (ISER, 1996: 65). O próprio autor possui idéias diferentes quando assume a condição de leitor de sua obra. Então, ao mudar o código, o autor se torna o “leitor” de seus próprios textos.

Portanto, o leitor deve ter consciência de que não poderá compreender, na maioria das vezes, todo o potencial de sentido do texto ficcional, além de que a interpretação total da obra ficcional a esgotaria. O importante, para a compreensão do que se está lendo, é ter consciência da leitura diante dos fatos que ocorrem no mundo e de todas as outras obras já lidas.

1.4 A SOCIALIZAÇÃO DO ALUNO POR MEIO DA LEITURA

No fundo,
o mundo é feito
para acabar
em um belo livro.

Mallarmé (1842/1898)

As novas funções dos professores e da literatura coincidem com uma sociedade que busca uma qualidade de ensino melhor. A insatisfação dos jovens em realizarem as leituras selecionadas nas escolas ou, até mesmo, em escolherem seus próprios livros, preocupa os profissionais envolvidos com a educação.

É importante considerar que os alunos pertencem a uma sociedade desamparada social e culturalmente. O que possibilita compreender porque as pessoas, apesar de concordarem em relação à importância da leitura para as suas vidas, não a tomam como uma atitude familiar.

Não obstante, a idéia de que “imensas multidões, às quais faltam pão e remédios, a literatura poderia trazer alívio” (ECO, 2003: 11) é extremamente idealista. Considera-se fundamental, porém, ponderar que a situação de empobrecimento agrava-se quando a população é excluída do “universo do livro e dos lugares onde, através da educação e da discussão, poderia(m) chegar a eles os ecos de um mundo de valores que chega e remete a livros” (ECO, 2003:12).

Os alunos, em sua grande maioria, evidenciam a leitura como uma obrigação imposta pelo professor de Literatura. Zilberman (1991) confirma esses problemas através da interação entre os livros e o leitor.

A leitura dos jovens costuma preocupar pais e professores, entre tantos outros problemas que se manifestam nessa fase da vida. Não é para menos, porque ler pouco ou não ler numa sociedade letrada inferioriza o cidadão. O caso brasileiro extrema o requisito da leitura, uma vez que a distância entre a

pequena elite abastada e a enorme massa empobrecida se alarga na proporção em que a esta última são inacessíveis o alimento, a saúde e a educação em quantidade e qualidade pelo menos suficientes. (ZILBERMAN, 1991:7)

O conhecimento está centralizado, em sua grande maioria, nos livros ou em outros materiais que, quase sempre, necessitam de leitura. Os alunos convivem no mundo da informação, em que, diariamente, diferentes formas de acesso, como a televisão, a internet, o cinema, a revista e o jornal, possibilitam informar-se dos acontecimentos diários, ou até mesmo de fatos no momento exato em que estão ocorrendo. Pode-se utilizar como exemplo o episódio em 11 de setembro de 2001¹⁴, nos Estados Unidos.

A sociedade tecnológica do século XXI necessita da leitura para adquirir a maioria das informações. Os jovens analfabetos ficam à margem da aquisição cultural e os alfabetizados precisam compreender o que lêem e não somente decifrar um código lingüístico. Eles necessitam possuir uma “consciência receptora” (ISER, 1996:51) para que esse conhecimento faça o diferencial em suas vidas.

A importância da leitura para a construção da cidadania dos alunos adquire um alto valor quando eles usufruem o prazer que proporciona a leitura de uma obra literária. Os leitores que encontram o encanto em ler um livro são conquistados por este conhecimento e lerão, como já citou Eco (2003), pelo deleite de ler.

Barthes (2002) refere-se à importância da leitura quando diferencia o “texto de prazer” do “texto de fruição”. Ele descreve o “texto de fruição” como sendo o causador do aborrecimento e o que entra em crise com a linguagem, e justamente é

¹⁴ Dois aviões seqüestrados chocaram-se contra as torres do World Trade Center (WTC) na Cidade de Nova York. Milhares de pessoas morreram quando as torres entraram em colapso, mais de uma hora após os impactos. Um terceiro avião seqüestrado colidiu com o Pentágono. Um quarto, possivelmente destinado a outro alvo em Washington DC, caiu no Condado de Somerset, Pensilvânia, aparentemente após os passageiros tentarem dominar os seqüestradores. O choque do segundo avião nas torres foi transmitido ao vivo por todos os canais de televisão mundiais. Disponível em <http://usinfo.state.gov/journals/itgic/0902/ijgp/gj-090208.htm> com acesso em junho de 2006.

esse tipo de texto capaz de levar o leitor a repensar as suas idéias, de confrontá-las.

A importância do “texto de fruição” esta em ser

aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 2002: 20 e 21)

A relevância da construção dos significados no ato da leitura se dá quando o leitor participa do processo. Deste modo, as características do desbravamento social e emocional do leitor somente possuem sentido quando os textos são lidos, conforme Iser a obra literária se realiza na convergência do texto com o leitor; a obra tem forçosamente um caráter virtual, pois não pode ser reduzida nem à realidade do texto, nem às disposições caracterizadoras do leitor.

Dessa virtualidade da obra resulta sua dinâmica, que se apresenta como a condição dos efeitos provocados pela obra. O texto, portanto, se realiza só através da constituição de uma consciência receptora. Desse modo, é só na leitura que a obra enquanto processo adquire seu caráter próprio. (...) A obra é o ser constituído do texto na consciência do leitor. (1996: 51)

A interação entre texto e leitor é realizada apenas quando os textos são experimentados na leitura. Interagindo com a obra, percebem, naturalmente, a importância do ato de ler em suas vidas e conseguem, através de diversas e diferentes formas, entrecruzarem os conhecimentos retidos.

O livro, desde seu surgimento, já indicava essa

função democratizante, que os detentores do poder por longo tempo tentaram obliterar. Circunscreveram às bibliotecas monacais na Idade Média, proibiram a instalação de gráficas nas monarquias do século XVII, incentivaram o consumo de literatura ideologicamente manipulada nos tempos modernos. (ZILBERMAN, 1991:7 e 8)

Jonathan Culler (1999) menciona que a literatura é compreendida como um tipo especial de escrita que pode civilizar não apenas as classes mais baixas, mas também, os aristocratas e as classes médias. A literatura teria a capacidade de tornar as pessoas melhores do que são. Tal possibilidade de transformação é denominada como o “sujeito liberal”.

O indivíduo definido não por uma situação social e interesses mas por uma subjetividade individual (racionalidade e moralidade) concebida como essencialmente livre de determinantes sociais. O objeto estético, desligado de propósitos práticos e induzindo tipos particulares de reflexão e identificações, ajuda a nos tornarmos “sujeitos liberais” através do exercício livre e desinteressado de uma faculdade imaginativa que combina saber e julgamento na relação correta (CULLER, 1999:44)

Terry Eagleton (1983) exemplificava essas características com a proibição da leitura em voz alta na sociedade industrializada no período da Primeira Guerra Mundial. Acreditava-se que a leitura realizada silenciosamente era mais adequada, pois essa “atividade essencialmente solitária, contemplativa, sufoca nelas (classes operárias) qualquer tendência subversiva de ação política coletiva”. (EAGLETON, 1983: 34)

Discussões teóricas criticam essa concepção de literatura e vêem uma mistificação na situação descrita por Eagleton (1983), pois acreditam que a leitura não faz diferença na vida de leitores. As asserções sobre as funções da literatura perpassam o questionamento de como ela pode funcionar com uma prática social. Jonathan Culler (1999) ampara a plausibilidade de ambos argumentos: que a literatura é um instrumento para sua anulação ou de ideologia.

Inicialmente, Culler (1999) menciona que as leituras e as reflexões solitárias da literatura ocupam muito o tempo do leitor, distanciando-o das atividades sociais e políticas, as quais poderiam produzir alguma mudança na sua vida. A literatura é capaz de encorajar o distanciamento, a apreciação da complexidade, a passividade e a aceitação do que existe.

Em seguida, o autor avalia, contrariando os que consideram a literatura aniquilante, a relação da literatura com a ação que o leitor produz após a leitura. Dessa forma, o leitor que desenvolveu a “consciência receptora”, mencionada por Iser (1996), é provocado pela obra. Então, essa leitura pode modificar o leitor, que promoverá o questionamento das autoridades e dos arranjos sociais. Culler (1999) exemplifica tal teoria com o livro “A cabana do pai Thomas” de Harriet Beecher Stowe, um “best-seller” que, em sua época, ajudou a criar uma mudança repentina de sentimentos contra a escravidão e tornou possível a Guerra Civil norte-americana” (CULLER, 1999: 46).

Além desses exemplos, há muitos outros. Platão¹⁵, na idade antiga, banuiu os poetas de sua república ideal por acreditar que eles só poderiam fazer o mal. No período Romântico da literatura, atribuía-se aos romances a culpa pelas pessoas insatisfeitas com as vidas que herdavam. O “mal do século” era o período literário

¹⁵ Este importante filósofo grego nasceu em Atenas, provavelmente em 427 a.C. e morreu em 347 a.C. É considerado um dos principais pensadores gregos, pois influenciou profundamente a filosofia ocidental. Suas idéias baseiam-se na diferenciação do mundo entre as coisas sensíveis (mundo das idéias e a inteligência) e as coisas visíveis (seres vivos e a matéria). Filho de uma família de aristocratas, começou seus trabalhos filosóficos após estabelecer contato com outro importante pensador grego: Sócrates. Platão torna-se seguidor e discípulo de Sócrates. Em 387 a.C, fundou a Academia, uma escola de filosofia com o propósito de recuperar e desenvolver as idéias e pensamentos socráticos. Suas obras mais importantes e conhecidas são: *Apologia de Sócrates*, em que valoriza os pensamentos do mestre; *O Banquete*, fala sobre o amor de uma forma dialética e *A República*, em que analisa a política grega, a ética, o funcionamento das cidades, a cidadania e questões sobre a imortalidade da alma. Disponível em <http://www.suapesquisa.com/platao/> com acesso em janeiro de 2006.

caracterizado pelo pessimismo, pela melancolia, pelo desespero, pela volúpia do sofrimento e pela busca da solidão, exprimiria o "cansaço e a frustração resultantes da impossibilidade de realizar o absoluto" aspirado pelo homem romântico. (AGUIAR E SILVA, 1979: 481)

Os livros podem promover um “sentimento de camaradagem” (CULLER, 1999:.45) que desencoraja os leitores para lutar. A leitura, entretanto, também pode despertar um senso crítico de cidadania que possibilita aos leitores realizarem atitudes que modifiquem a sua condição na sociedade.

2. DO LEITOR DO LIVRO IMPRESSO AO LEITOR DIGITAL

2.1 O LEITOR ENTRE LIMITAÇÕES E LIBERDADE

Há aqueles que não
podem imaginar
um mundo sem pássaros;
há aqueles que não
podem imaginar
um mundo sem água;
ao que me refere,
sou incapaz de imaginar
um mundo sem livros.

Jorge Luis Borges (Ficciones, 1999)

O leitor procura, durante o ato de ler, deslocar e subverter o que o livro pretende impor, mesmo tendo consciência de que a sua liberdade de intervenção não é absoluta. Dessa forma, a leitura torna-se apropriação, invenção e produção de significados. Chartier (1999) acredita que a compreensão de cada leitor é condicionada por limitações decorrentes das capacidades, convenções e hábitos que acabam diferenciando as práticas de leitura:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1999:77)

Contudo, a inclusão do leitor no ato da leitura não é sistêmico a todas as teorias que estudam o texto. A teoria do Formalismo convoca a volta à imanência do texto ao eximir a importância do leitor no processo da leitura. O Historicismo remete a obra ao seu contexto original. A escola literária “New Criticism” faz oposição à erudição histórica ao examinar nas interações “os traços verbais e as complicações decorrentes do sentido das obras, ao invés das intenções e circunstâncias históricas de seus autores” (CULLER, 1999:119). O “New Criticism” desvia a importância do leitor e define a obra “como uma unidade orgânica auto-suficiente, da qual (convém) praticar uma leitura fechada” (COMPAGNON, 2003: 140), apresentada como “close reading”.

A esses movimentos teóricos há ainda o acréscimo da visão hermenêutica da literatura: essa arte de interpretar textos era aplicada antigamente às obras sagradas. Com o desenvolvimento da consciência histórica européia, a hermenêutica tornou-se a ciência da interpretação de todos os textos, do fundamento da filologia e dos estudos literários. Essa posição filológica estabelece “rigorosamente a significação de uma obra pelas condições às quais ela respondeu em sua origem, e sua compreensão pela reconstrução de sua produção original” (COMPAGNON, 2003: 60).

As correntes teóricas mencionadas compartilham de uma mesma vertente: não utilizam o leitor como elemento importante na construção da compreensão do texto. Essa atitude foi, ou ainda é, compartilhada por muitos teóricos que investigam a literatura. O leitor torna-se incógnito em algumas teorias, pois, segundo Compagnon (2003), a sua má compreensão, as suas falhas da leitura - como ruídos e brumas – perturbam as abordagens, as quais dizem respeito apenas ao autor ou ao texto.

A interpretação da obra literária realizada através do que o “autor quis dizer”, resulta em um efeito improfícuo no que será compreendido. Porque, ao pensar com o critério do que “o autor quis dizer”, as outras interpretações que surgem depois se tornariam inúteis. Seria como compreender os textos com uma visão historicista, o que resultaria em acreditar que a obra é uma explicação de quem a produziu, como uma confissão. Barthes (2004) evidencia que o autor nunca é mais que aquele que escreve.

Quando Proust, em 1927, publicou “O Tempo Redescoberto”, começavam a ser revistas as teorias que resistiam a assumir a importância do leitor. Proust afirmava, em sua obra, que “aquilo de que nos lembramos, aquilo que marcou nossas leituras da infância, não é o próprio livro, mas o cenário no qual nós o lemos, as impressões que acompanham nossa leitura” (apud COMPAGNON, 2003: 143). A compreensão sobre a prática da leitura, desde então, tornou-se uma construção através da conotação direta à empatia, projeção e à identificação do leitor com o texto. Os leitores adaptavam o livro às suas preocupações, aplicando ao objeto lido a sua própria situação de interpretação.

Com a fenomenologia, surge a proposta de uma interação entre o texto e o leitor. Numerosas abordagens teóricas são constituídas com o objetivo de revalorizar a leitura. As mencionadas por Compagnon (2003) são: a “Estética da Recepção” de Wolfgang Iser, a “Teoria do Efeito da Leitura” segundo Umberto Eco. Barthes, do mesmo modo, é lembrado com a sua obra “S/Z”, uma vez que se aproxima pouco a pouco do leitor. Entretanto, denominou o seu próprio código como hermenêutico, ao abordar a leitura pelo lado do texto e concebê-lo como um programa ao qual o leitor é submetido.

A intenção do autor foi o critério de teorias que estabelecem o sentido literário. Assim sendo, compreendia-se que o sentido de um texto era o que o autor desse texto quis dizer, esquecendo da importância do leitor. Já a fenomenologia trabalha com a teoria de evidenciar o leitor, não excluindo, porém, de suas exigências, o autor e o texto, sendo que “a distinção entre o autor, o texto e o leitor tornou-se frívola em Umberto Eco e em Barthes”. (COMPAGNON, 2003:164)

Os autores Roland Barthes, em “S/Z” (1970), e Wolfgang Iser, em “O ato da leitura” (1996 e 1999), escreveram sobre a relação do leitor com a obra. Apesar de Barthes pertencer ao desconstrutivismo francês e Iser ao construtivismo do pensamento desenvolvido na Alemanha, é possível analisar as propostas com algumas aproximações.

Maria Antonieta de Oliveira Borba (2002) constata, em seu artigo, convergências de interesses por parte desses autores. Os dois autores pertenceram ao mesmo contexto histórico e realizaram rupturas com as críticas vigentes ao compreenderem a leitura pelo “prazer do texto” (Barthes) e com o “efeito estético” da obra (Iser). Borba afirma que se

considerarmos como parâmetro cronológico os anos de efervescência das concepções pós-estruturalistas, é na mesma chave de Michel Foucault, com seu projeto arqueológico, e de Jacques Derrida, com sua crítica às bases fono-logo-cêntricas sustentadoras do pensamento te(le)ológico do ocidente, que Barthes repensa a *interpretação*, realizando em *S/Z* uma prática dessa atividade, num gesto que se poderia nomear por golpeamento da análise estrutural.

Também por volta da década de setenta, vamos encontrar Iser num círculo de teóricos alemães que põem em debate a questão da estética recepcional, deslocando para o receptor (mais precisamente para o *trânsito* leitor/texto, na descrição de Iser), a discussão teórica que, até então, segundo eles, limitava-se a formular conceitos e metodologias sempre centrados no pólo da produção. (BORBA, 2002:2)

Iser (1996) propõe uma teoria em que o texto se completa quando o seu sentido é constituído pelo leitor. A importância de proporcionar a esse leitor liberdade de leitura diante do texto equivale à manifestação de construir um processo de leitura com interação dinâmica entre texto e leitor.

Em o “Ato da leitura”, Iser (1996 e 1999) menciona que o leitor se move constantemente no texto, presenciando-o em fases distintas de compreensão. A cada nova leitura realizada, adquire diferentes compreensões que vão se somando às anteriores. O leitor não consegue perceber todas as fases do texto de uma só vez, porque algumas não são tão aparentes como outras, ou por não possuir a capacidade necessária de presenciá-las. A idéia de fases de Iser (1996 e 1999) é mencionada por Barthes (1970) como os fragmentos da leitura e cabe ao intérprete em Barthes – e ao leitor em Iser - a tarefa de seccionar um sintagma, criar uma lexia para compor a interpretação.

2.2 A RECEPÇÃO DA OBRA POR PARTE DO LEITOR

Minima Moralia

já fiz de tudo com as palavras

agora eu quero fazer de nada

Haroldo de Campos (Educação dos cinco sentidos, 1985)

Os estudos recentes da recepção possuem o objetivo de descobrir como uma obra literária afeta o leitor e o que é produzido a partir desse estímulo. Compagnon (2003) formula que os trabalhos desse gênero se repartem em duas grandes categorias:

por um lado, os que dizem respeito à fenomenologia do ato individual de leitura (originalmente Ingardem, depois em Wolfgang Iser), por outro lado, aqueles que se interessam pela hermenêutica da resposta pública ao texto (em Gadamer e particularmente Hans Robert Jauss) (COMPAGNON, 2003:148)

A fenomenologia é o início comum a essas teorias que visam o papel da consciência do leitor. Sartre (1993) escrevia que o livro é um estranho pião que só existe em movimento. Para fazer esse objeto literário surgir é preciso um ato concreto que se chama leitura e só ocorre enquanto essa leitura durar.

Segundo Compagnon (2003), as normas e os valores do leitor são modificados pela experiência da leitura. Quando o leitor está lendo, sua expectativa é em função do que ele já leu – não somente com o texto que está lendo, mas com outros textos.

Os acontecimentos imprevistos no decorrer da leitura obrigam o leitor a reformular suas expectativas e a reinterpretar o que já leu. A leitura procede em múltiplas direções ao mesmo tempo, indo para frente e para trás, sendo a literatura, dessa forma, capaz de acontecer nos mais diferentes ângulos.

Iser (1996 e 1999) retoma esse modelo para analisar o processo da leitura. Segundo o autor, o sentido é um efeito experimentado pelo leitor e não um objeto preexistente ao ato de ler. A literatura tem uma existência dupla e heterogênea, sobrevivendo, independentemente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, mas somente se concretizando pela leitura. O objeto literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor. Iser (1996) enuncia que

como o texto literário só produz seu efeito quando é lido uma descrição desse efeito coincide amplamente com a análise do processo da leitura. Por isso, a leitura encontra-se no centro das reflexões (...), pois nela os processos provocados pelos textos literários podem ser observados. Na leitura acontece uma elaboração do texto, que se realiza através de um certo uso das

faculdades humanas. Desse modo, não podemos captar exclusivamente o efeito nem no texto, nem na conduta do leitor; o leitor é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura. (ISER, 1996:15)

O livro não é nem o texto objetivo nem a experiência subjetiva, mas é o esquema virtual construído através de espaços em branco, de fendas e de indeterminações, as quais são encontradas em todos os textos literários. “Em outros termos, o texto instrui e o leitor constrói” (COMPAGNON, 2003:150). Barthes mencionava que mesmo a leitura mais realista não era “operável”, já que é insuficientemente precisa.

Se você mete um prego na madeira, a madeira resiste diferentemente conforme o lugar em que é atacada: diz-se que a madeira não é isotrópica. O texto tampouco é isotrópico: as margens a fenda, são imprevisíveis. Do mesmo modo que a física (atual) precisa justar-se ao caráter não-isotrópico de certos meios, de certos universos, assim é necessário que a análise estrutural (a semiologia) reconheça as menores resistências do texto, o desenho irregular de seus veios. (BARTHES: 2002:46)

A concepção do leitor implícito em Iser (1996 e 199) designa a estrutura do texto que antecipa a presença do receptor, deste modo:

inferimos que os textos só adquirem sua realidade ao serem lidos, isso significa que as condições de atualização do texto se inscrevem na própria construção do texto, que permitem constituir o sentido do texto na consciência receptiva do leitor. (ISER, 1996: 73)

O leitor implícito durante a leitura estabelece um esquema necessário para a compreensão do texto. Ele, quando lê, imagina como são os personagens, como ocorrem os acontecimentos e preenche, dessa forma, as lacunas deixadas pela narração da história. Segundo Compagnon (2003: 152), “a leitura se apresenta como uma resolução de enigmas, conforme aquilo que Barthes chamava de código hermenêutico”

A metáfora do viajante é interessante para descrever o percurso do leitor durante a leitura. O leitor perambula sobre o texto que nunca está todo presente diante dele: “como um viajante num carro, o leitor, a cada instante, só percebe um de seus aspectos, mas relaciona tudo o que viu, graças à sua memória” (COMPAGNON, 2003: 152). Dessa forma, estabelece um traçado de coerência e confiabilidade. Todavia, isso depende da quantidade de atenção que concedeu ao percurso ou ao texto. Mesmo assim, normalmente, não possui uma visão total do itinerário.

O repertório do leitor é importante para a compreensão mais aprofundada da leitura. Aquele que lê, forma o seu repertório por meio do conjunto de normas sociais, históricas e culturais a que pertence. Determinados fatores são importantes à leitura, como:

as perspectivas do texto (que) visam certamente a um ponto comum de referências, no entanto, não é dado enquanto tal e deve ser por isso imaginado. É nesse ponto que o papel do leitor, delineado na estrutura do texto, ganha seu caráter efetivo. Esse papel ativa atos de imaginação que de certa maneira despertam a diversidade referencial das perspectivas da representação e a reúnem no horizonte do sentido. O sentido do texto é apenas imaginável, pois ele não é dado explicitamente; em consequência, apenas na consciência imaginativa do receptor se atualizará. (ISER, 1996: 75)

O leitor, ao escolher seletivamente os papéis oferecidos pelo texto durante a leitura, constrói sua interpretação. Iser (1996) menciona que a imaginação é um fator importante na interpretação da obra, pois com ela o leitor é capaz de captar o não-dado, de modo que a estrutura do texto, ao estimular uma seqüência de imagens, traduz sua consciência receptiva.

O “leitor se encontra definitivamente no texto, ou seja, no mundo do texto” (ISER, 1996:76). Ele pode realizar diferentes tipos de ligações entre textos,

conforme sua competência de leitura. Por isso, a cada leitura, “o papel do leitor se realiza histórica e individualmente, de acordo com as suas vivências e a compreensão previamente constituída” (ISER, 1996:78), as quais são introduzidas na leitura.

Umberto Eco (2005) menciona o fato de algumas teorias da crítica contemporânea afirmarem que “a única leitura confiável de um texto é uma leitura equivocada, que a existência de um texto só é dada pela cadeia de respostas que evoca” (ECO, 2005: 28). Portanto “se há algo a ser interpretado, a interpretação deve falar de algo que deve ser encontrado em algum lugar, e de certa forma respeitado” (ECO, 2005: 51).

Em a “Obra aberta” e “Os Limites da interpretação” o semiólogo italiano identifica a dialética existente entre a iniciativa do intérprete e a fidelidade à obra.

Quando publiquei o meu trabalho *Obra aberta*, escreve Eco, eu me perguntava como é que uma obra podia postular, de um lado, uma livre intervenção interpretativa a ser feita pelos próprios destinatários e, de outro, apresentar características estruturais que ao mesmo tempo estimulassem e regulamentassem a ordem das suas interpretações. Conforme aprendi mais tarde, sem saber eu estava então às voltas com a pragmática do texto (...) ou seja, a atividade cooperativa que leva o destinatário a tirar do texto aquilo que o texto não diz (mas que pressupõe, promete, implica e implícita), a preencher espaços vazios, a conectar o que existe naquele texto com a trama da intertextualidade da qual aquele texto se origina e para qual acabará confluindo. (ECO, 1986: Introdução)

Sustenta o autor que o leitor manteria uma relação dialética com o autor de uma obra, pois ele seria co-participante do processo de construção de um texto narrativo. Para o teórico, todo o texto concebe um “leitor-modelo” capaz de cooperar com o autor da obra, ou seja, um leitor que ajudaria o texto a funcionar.

O texto está, pois, entremeado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos, e que o emitiu previa que esses espaços e interstícios seriam preenchidos e os deixou brancos por duas razões. Antes de tudo, porque um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o

destinatário ali introduziu (...) Em segundo lugar, porque à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem de univocidade. Todo texto quer que alguém o ajude a funcionar (ECO, 1986: 37)

O ato de ler deve ponderar todos os elementos necessários para a interpretação do texto, embora, segundo Eco (2005), seja improvável que um leitor sozinho possa dominar todos eles. “Assim o próprio ato da leitura torna-se uma transação difícil entre a competência do leitor (o conhecimento do mundo do leitor) e o tipo de competência que um dado texto postula a fim de ser lido” (ECO: 2005: 80)

2.3 A HIPERTEXTUALIDADE: O MEIO DIGITAL E O HIPERTEXTO

Texto de consulta

A página branca indicará o discurso
 Ou a supressão do discurso?
 A página branca aumenta a coisa
 Ou ainda diminui o mínimo?
 O poema é o texto? O poeta?
 O poema é o texto + o poeta?
 O poema é o poeta – o texto?
 O texto é o contexto do poeta
 Ou o poeta é o contexto do texto?
 O texto visível é o texto total
 O antetexto o antitexto
 Ou as ruínas do texto?
 O texto abole
 Cria
 Ou restaura?

Murilo Mendes (Convergência, 1963/1966)

A transferência do impresso para os suportes digitais disponibiliza aos professores a possibilidade de uma enormidade de conteúdos. Antes esses documentos eram disponibilizados em um universo limitado, tanto nos livros

didáticos como nas bibliotecas escolares, agora, com os laboratórios de informática, há um universo documental sem limites, o hipertextual.

Tal concepção não está ligada a internete somente, mas à possibilidade oferecida pela informática de criar laços entre os documentos. Perrenoud (2000) menciona que todo mundo faz hipertexto sem perceber. Ao consultar um dicionário ou um Atlas, por exemplo, as páginas remetem o usuário a outras tantas. Uma das propostas da informática é prever esses laços e propô-los ao usuário, utilizando uma navegação fácil e rápida.

“A maioria dos textos, desde a invenção da escrita, foram pensados e praticados como dispositivo linear de uma sucessão retilínea de caracteres e apoiada num suporte plano” (MACHADO, 2001:187). Apesar disso, o hipertexto não surgiu a partir do meio digital. Stéphane Mallarmé (CAMPOS, 1980) sonhou com essa faceta em seu poema “Coup de Dês”; James Joyce com a obra “Ulisses” e o brasileiro Guimarães Rosa com o romance “Grande Sertão: Veredas”. Tais obras já possibilitavam o hipertexto antes do advento da informática.

Há exemplificações de produções literárias que buscaram na inquietação da leitura as suas próprias ansiedades e tentaram, deste modo, reproduzi-las, como: Jonathan Swift em as “Viagens de Gulliver”, Umberto Eco em “A Ilha do Dia Anterior” e o molde poético de “Quirinus Khulmann”, capaz de dar origem a 6.227.020.800 poemas diferentes a partir de uma estrutura poética primeira. (SANTOS, 1996).

Nos textos combinatórios, há o dispositivo material para que o hipertexto aconteça. Raymond Queneau em “Um Conte à Votre Façon” (MOLES, 1990:180) possibilita que o leitor escolha sempre entre duas respostas, o que o levará para outra parte do texto. Outro exemplo é “Cent Mille Millions de Poèmes” (MOLES, 1990:128), porém o autor reconhece no próprio prefácio que nem todas as

combinações de versos têm o mesmo valor poético. Também pode ser citada a fábrica de aforismos de Pedro Barboza em “Sintext” o “Gerador de Textos”. (BARBOZA, 2004). Haroldo de Campos é menos otimista, pois para ele “a articulação estrutural do livro é revolucionária, mas o resultado que se obtém em cada um dos arranjos possíveis é tradicional” (MACHADO, 2001:182). Esses são alguns exemplos de obras literárias que despontaram em busca de uma maior potencialidade do hipertexto.

Machado (2001) aponta que, no campo específico da literatura, o sonho de Mallarmé ainda está longe da efetiva concretização, entretanto, na tecnologia, avançam os progressos que possibilitam a viabilização técnica. Hipertexto foi o nome genérico que se convencionou a essa resolução prática de possibilitar um texto não linear. Machado (2001) afirma que a idéia básica do hipertexto

é aproveitar a arquitetura não linear das memórias de computador para viabilizar textos tridimensionais, como aqueles do holopoema, porém dotados de uma estrutura dinâmica que os torne manipuláveis interativamente. Na sua forma mais avançada e limítrofe, o hipertexto seria algo assim como um texto escrito no eixo do paradigma, ou seja, um texto que já traz dentro de si várias outras possibilidades de leitura e diante do qual se pode escolher dentre várias alternativas de atualização. Na verdade, não se trata mais de um texto, mas de uma imensa superposição de textos, que se pode ler na direção do paradigma, como alternativas virtuais da mesma escritura, ou na direção do sintagma, como textos que ocorrem paralelamente ou que se tangenciam em determinados pontos, permitindo optar entre prosseguir na mesma linha ou enveredar por um caminho novo. A maneira mais usual de visualizar essa escritura múltipla na tela plana do monitor de vídeo é através de “janelas” (windows) paralelas, que se pode ir abrindo sempre que necessário, e também através de “elos” (links) que ligam determinadas palavras-chaves de um texto a outros textos disponíveis na memória. (MACHADO, 2001:187-188)

O sonho de Mallarmé, “perseguido durante toda a sua vida, era dar forma a um livro integral, um livro múltiplo que já contivesse potencialmente todos os livros possíveis” (MACHADO, 2001:165). Uma aproximação ao sonho mallarmeano nos

tempos atuais é a possibilidade de um livro digital, pois este pode ser construído a partir do desmembramento físico dos textos e dispor de alternativas com diversas ligações durante a leitura. As inúmeras intercambialções oferecidas no texto eletrônico são realizadas por ligações fixas, também conhecidas como nós ou linques.

A teoria da leitura hipertextual de Gerard Genette (1982) auxilia na compreensão do funcionamento da literatura proposta por Mallarmé. Genette (1982) sugere que toda a obra literária evoca, de alguma forma, outra obra, e, assim sendo, compreende que todas as obras são hipertextuais. Os livros, objetos físicos ou virtuais, predisõem, durante a leitura, a possibilidade de o leitor realizar ligações entre eles.

O palimpsesto¹⁶, uma prática de escrita, expõe a melhor possibilidade de compreender o fenômeno do hipertexto literário na internet. A prática de escrever um texto sobre outro é reelaborada com a era da informática. Genette (1982) considera a hipertextualidade como um aspecto universal da literalidade porque concebe todo o texto como um palimpsesto.

A internet utiliza uma arquitetura próxima dos palimpsestos antigos. Constrói ligações sobre o texto e estabelece, assim, uma leitura hipertextual. A concepção de leitor implícito auxilia nessa compreensão ao propor que um texto “antecipa a presença do receptor” (ISER, 1996 -1999). Igualmente ao texto impresso, as construções dos textos na internet são elaboradas a fim de antecipar as ações dos seus leitores.

¹⁶ O uso de escrever-se em pergaminhos fez com que o couro de animais utilizado para a escrita fosse, muitas vezes, reaproveitado, apagando-se a escrita antiga, para, sobre ela, colocar-se a nova escritura. Era o palimpsesto, no qual a nova escritura recobria a escritura anterior deixando entrever os traços da primeira. Daí vem a denominação palimpsesto para os textos escritos em cima de outros, retomando-os e revelando-os nessa retomada. (Apud REGIS, GENETTE, Gérard. Palimpsestes. Paris: Seuil, 1982.)

Os pontos que servem como referências comuns a vários textos não são colocados visivelmente para o leitor do texto impresso e, de tal modo, devem ser “imaginados” (ISER, 1996) ou descobertos pelo leitor. No entanto, apesar da internet já disponibilizar alguns pontos fixos, ligações, também caberá a ele propor diferentes nós durante a sua leitura. Esse é um dos papéis do leitor diante de uma obra literária: propor que a estrutura do texto ganhe um caráter ativo a cada nova ligação proposta. Desse modo, apesar das mudanças na forma do objeto literário, do impresso para o digital, a presença do leitor, agora também chamado como navegador, continuará sendo essencial.

Em sala de aula, um uso corriqueiro do hipertexto pode ser exemplificado quando se utiliza o dicionário. Por exemplo, ao localizar a palavra casa¹⁷ seriam encontradas dezenove definições diferentes (PERRENOUD, 2000). Qual professor e aluno, ao procurar uma palavra no dicionário, folhearia as páginas a procura de todo o campo semântico? Todavia, quando o dicionário está acessível no computador,

¹⁷ [Do lat. casa.]

S. f.

1. Edifício (2) de um ou poucos andares, destinado, geralmente, a habitação; morada, vivenda, moradia, residência. [Aum.: casão, casarão, casaréu; dim.: casinha, casita, casucha, casebre, casinhola, casinholo, casinhota, casinhoto, podendo as cinco últimas formas ter caráter depreciativo.]

2. Cada uma das divisões de uma habitação; dependência, quarto, sala:

3. Lar; família.

4. Conjunto dos bens e/ou negócios domésticos:

5. O conjunto dos membros de uma família; instituição familiar: (título de romance de Eça de Queirós).

6. Local destinado a reuniões ou até à moradia de certos grupos de pessoas:

7. Estabelecimento, firma, empresa:

8. Repartição pública:

9. Conjunto de auxiliares adjuntos a um chefe de Estado:

10. Cada uma das subdivisões duma caixa, prateleira, colmeia, etc.

11. Espaço separado por linhas nas tabelas, tabuadas, mapas, tabuleiros, formulários, etc.

12. Abertura por onde passa o botão; botoeira.

13. Grupo de 10 anos, começado por 10 ou múltiplo desse número, na idade de uma pessoa:

14. Vaga nos registros de distribuição de feitos forenses, escrituras, etc.

15. Mat. Casa decimal.

16. Mat. Numa tabela, interseção de uma linha e uma coluna.

17. Teatr. Cin. Assistência a um espetáculo

18. Encad. Bras. V. entrenervo.

19. Lus. Constr. Nav. V. praça (9).

DICIONÁRIO AURÉLIO Eletrônico; século XIX. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-rom, versão 3.0.

cada palavra torna-se um laço do hipertexto e ao clicar sobre elas abrirá uma janela com a nova definição correspondente.

Através da informática, o professor amplia o material que utiliza em suas aulas. Com o auxílio da tecnologia, ele pode reunir documentos de fontes diversas, consegue integrar imagens e sons, ou, desenhar um caminho que os reúna. Alguns professores constroem diretamente páginas na “Web”, pois hoje em dia os editores de textos evoluídos e outras ferramentas permitem a fácil transformação de um documento em páginas para a internete. Perrenoud (2001) propõe a utilização dessas possibilidades, tanto publicada na internete como limitada ao uso em sala de aula, como base de informação, na qual os alunos poderão navegar facilmente.

Por sua vez, o aluno poderá interferir na obra digital transformando-a em seu texto, pois as intervenções permitem que ele altere o conteúdo e as configurações. O aluno que começa a estudar um determinado tema tem, inicialmente, uma série de idéias vagas e desconectadas, que ainda não são um discurso sequencial. Após proceder às leituras propostas e às explicações do professor, o aluno amplia o repertório de informações sobre a área estudada e, à medida em que evolui no seu conhecimento, começa a perceber relações entre os vários fragmentos antes desconectados. Essa é uma analogia possível ao ensino escolar, conforme explicação de Machado (2001) para a pesquisa universitária.

O sistema hipertextual na internete possibilita ao aluno estruturar essas ligações, ao interligar fragmentos afins, através de links, com as palavras-chaves. Assim, quando estiver lendo o texto, todos os outros textos relacionados a ele aparecerão sinalizados através de recursos gráficos e poderão ser acessados paralelamente, abrindo novas “janelas” na tela do computador. O aluno poderá

interagir com o conteúdo da disciplina e construir um material individual por meio de suas interações e criações.

Os hiperdocumentos criados por esses alunos e professores são textos acessados e conectados com outros textos e com mais outros, de modo que o “leitor-operador” como cita Machado (2001), pode ir definindo, ao longo do processo de leitura, o percurso de seu estudo.

2.4 O HIPERTEXTO COMO FERRAMENTA PARA UM APLICATIVO

Dança da Chuva

senhorita chuva
me concede a honra
desta contradança
e vamos sair
por esses campos
ao som desta chuva
que cai sobre o teclado

Paulo Leminski (Caprichos e Relaxos, 1980)

Com o auxílio da tecnologia, a interação entre obra e leitor ficou mais evidente, pois ao ler um texto na internet é demarcado fisicamente através dos hiperlinks o seu percurso realizado. Essa facilidade é proporcionada pelo meio digital, que mostra na tela do computador o resultado das escolhas produzidas durante o processo da leitura.

Segundo o autor Wolfgang Iser (1996), que propõe estudos sobre o “Efeito da Recepção” nos textos, o objeto literário só produz um resultado quando é lido, e, analogicamente, o texto literário na internet produzirá um efeito no leitor quando for lido ou, se assim planejado no programa, clicado.

A interação do texto literário na internet é produtiva e prazerosa para o leitor quando o texto virtual permite diversas possibilidades de escolhas de caminhos a serem seguidos. Um aplicativo provavelmente só é tolerado pelo leitor se houver necessidade de ir adiante, de ultrapassar etapas. O aplicativo digital deve observar, no planejamento de seus recursos, que estes não sejam expostos todos em uma única página. É importante ter recursos disponíveis em todo o aplicativo do começo ao fim e não explicar todas as alternativas possíveis apenas na página inicial.

O internauta que navegar em um texto digital e perceber nele todas ou poucas possibilidades de interação poderá abater-se, durante a navegação, de tédio e cansaço. Essa situação-limite de interação representará, possivelmente, a ocorrência do fim da participação desse leitor. Entretanto, é importante salientar que a situação-limite pode acontecer tanto no texto virtual como no impresso, pois não importa o meio, mas sim como ele foi construído. Iser (1996) menciona que em alguns textos a proposta visa justamente ao consumo máximo da obra, tanto que o leitor chega a ponto de esgotá-la, como é comprovado na literatura de consumo¹⁸. Todavia, há exceções de leituras que não resultam em desinteresse por parte do leitor, apesar de ser esgotada plenamente.

A leitura na internet secciona o texto e são essas fragmentações que possibilitam um deslocamento dinâmico do leitor por diversos conteúdos e a tornam ágil. A proposta de Iser (1996), ao exemplificar que o leitor compreende o texto em

¹⁸ Há dificuldade de classificação e demarcação das fronteiras entre os diferentes textos que circulam na sociedade e na escola, tendo em vista a diluição de limites entre as classificações como arte de elite, arte popular, arte de massa, literatura de consumo, arte superior, arte inferior, realidade e ficção. Sodré (1978) afirma que o discurso da literatura de massa é manifestação de um discurso específico e não uma utilização medíocre do discurso literário. Esta produção é resultado de exigências geradas pela sociedade moderna, tanto que a indústria editorial responsável por esse tipo de literatura investe cada vez mais neste mercado, sem jamais reclamar de prejuízos. Em direção oposta, Morin (1997), referindo-se à cultura das massas, denuncia a progressiva "industrialização do espírito e colonização da alma", por meio de um progresso ininterrupto da técnica, que, penetrando no domínio interior do homem, aí derrama mercadorias culturais, para serem consumidas. Essa indústria cultural tem sido alvo de crítica de diversos intelectuais que protestam contra a industrialização do espírito por subprodutos da cultura que dizem funcionar como barbitúrico (o novo ópio do povo) ou mistificação deliberada, em que o capitalismo desvia as massas de seus verdadeiros problemas. (FHILADELFIO, 2003:204) Contudo não há aqui uma função de estabelecer uma noção de valor positivo ou negativo da literatura de consumo.

fases da leitura, deve ser observada durante a elaboração de um projeto de produção de leitura com o hipertexto.

Em um aplicativo informático literário é necessário planejar a arquitetura, ou seja, esquematizar quais serão as ligações propostas pelo texto ao leitor. A internet é a ferramenta que proporciona construir uma leitura arquitetada, uma proposta de “arqui-leitura” (arquitetura + leitura), realizada tanto pelo autor como pelo leitor.

As criações literárias atuais perpassam a importância da literatura digital. A obra em formato digital, como, por exemplo, a “Divina Comédia” de Dante Alighieri¹⁹, já permite ser lida em uma tela do computador e, futuramente, o será em um computador maleável como um livro de bolso. Na literatura digital o internauta possui a praticidade de modificar o texto no exato momento em que lê e arquitetar seus textos entre as obras lidas.

A internet possibilita a grupos de criação literária participarem na escritura de livros com os autores. Diversos internautas encontram-se em sítios e escrevem e reescrevem histórias coletivamente, participando, assim, de narrativas cujo andamento pode se modificar ao infinito. Umberto Eco (2003) qualifica essa prática como “uma escritura inventiva livre” (2003:18).

Não obstante, conforme Eco (2003), a nova função da literatura que nasce com advento da internet não possui como principal característica a capacidade de modificar a obra. O autor acredita que é tão importante ter acesso à possibilidade de reconstruir a obra como, também, passar pela experiência da impossibilidade de

¹⁹ Dante Alighieri, escritor italiano, nasceu na cidade de Florença no ano de 1265. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Pertenceu ao Partido Guelfo, lutou na Batalha de Campaldino contra os Gibelinos e, por volta de 1300, iniciou a carreira diplomática. Em 1302, foi preso por causa das suas atividades políticas. Iniciou-se então a segunda etapa da sua vida: o exílio definitivo, pois não aceitou as anistias de 1311 e 1315. Afastado de Florença, viveu em Verona e em Lunigiana. Posteriormente, e seguindo as vicissitudes da política dos principados italianos, residiu também em Ravena, onde morreu em 14 de setembro de 1321. Disponibilizado em http://www.releituras.com/dalighieri_menu.asp com acesso em janeiro de 2006.

mudá-la. Portanto, Eco (2003) permite verificar que “a narrativa hipertextual pode nos educar para a liberdade e para a criatividade. É bom, mas não é tudo. Os contos ‘já feitos’ nos ensinam também a morrer” (ECO, 2003: 21).

3. A INFORMÁTICA NA ESCOLA

3.1 O COMPUTADOR NA SALA DE AULA

Fora da Ordem

Vapor barato, um mero serviçal do narcotráfico
Foi encontrado na ruína de uma escola em construção
Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína
Tudo é menino e menina no olho da rua
O asfalto, a ponte o viaduto ganindo pra lua
Nada continua
E o cano da pistola que as crianças mordem
Reflete todas as cores da paisagem da cidade que é muito
Mais bonita e
Muito mais intensa do que no cartão postal
Alguma coisa está fora da ordem
Fora da nova ordem mundial...

Caetano Veloso (Muito mais, 2005)

Atualmente, uma das possibilidades mais modernas para a atualização profissional está concentrada na informática. Os professores que possuem o mínimo de domínio dessa nova tecnologia conseguem vivenciar o mesmo período tecnológico que seus alunos. No livro “10 Novas competências para ensinar”, Philippe Perrenoud (2000) faz referência aos domínios reconhecidos como prioritários na formação contínua dos professores. Perrenoud (2000) estabelece 10 grandes famílias de competências do novo milênio. A listagem não é definitiva e nem exaustiva, pois o autor afirma que “nenhum referencial pode garantir uma representação consensual, completa e estável de um ofício ou das competências que ele operacionaliza” (2000:14) Eis, então, as 10 famílias:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem.
 2. Administrar a progressão das aprendizagens.
 3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação.
 4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho.
 5. Trabalhar em equipe.
 6. Participar da administração da escola.
 7. Informar e envolver os pais.
 8. Utilizar novas tecnologias.
 9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão.
 10. Administrar sua própria formação contínua.
- (PERRENOUD, 2000:14)

A oitava competência é o uso das novas tecnologias e estabelece que a escola não pode ignorar o que se passa no mundo, pois a tecnologia da informação e da comunicação transforma espetacularmente não só a maneira de comunicação, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar. (PERRENOUD, 2000:125)

As relações das novas tecnologias com a sociedade moderna proporcionaram alguns questionamentos a favor e contra o uso desse novo suporte educacional. Pierre Lévy (2000) tornou-se um defensor fervoroso do ciberespaço ao comentar que

a economia agora é baseada na informação, nas idéias, na criatividade e na inteligência coletiva. Na política estamos marchando lentamente para um governo democrático planetário, provavelmente com o domínio das pessoas que continuarem a inventar e fazer o melhor uso do ciberespaço. (LÉVY, 2000:139)

Sobre o caráter possivelmente excludente e angustiante das novas tecnologias, Lévy (2000) também demonstra ser otimista.

Devido a seu aspecto participativo, socializante, descompartmentalizante, emancipador, a inteligência coletiva proposta pela cibercultura constitui um dos melhores remédios para o ritmo desestabilizante, por vezes excludente, da mutação técnica. (LÉVY, 2000:30)

Paul Virilio (1999) contrapõem-se frontalmente ao otimismo de Lévy (2000) em relação às tecnologias, ao analisar a informática como um dos grandes males que infringiram a sociedade neste fim de século.

Toda revolução é um drama, mas a revolução técnica que se anuncia é, sem dúvida, mais que um drama, é uma *tragédia do conhecimento*, a confusão babeliana dos saberes individuais e coletivos (...) Fruto de uma ilusão 'tecno-sófica' contemporânea do fim da guerra fria como 'fim da História', a cibernética da rede das redes é menos uma técnica que um sistema – um tecno-sistema de comunicação estratégica que traz consigo o risco sistêmico de uma reação em cadeia de estragos, logo que a mundialização se tornar efetiva. (...) Observa-se que, mais uma vez, a guerra econômica avança mascarada pela promoção da maior liberdade de comunicação. (VIRILIO, 1999:105)

Arlindo Machado (2001) é um crítico que estabelece a relação entre a informática e a sociedade sem ser excessivamente otimista como Lévy (2000) e nem um tecnófobo como o Virilio (1999).

Todo esse discurso humanista catastrófico tem certamente sua importância, na medida em que força um conhecimento crítico do mundo contemporâneo, mas deve ser avaliado com certo critério, separando adequadamente o que nele é diagnóstico e o que nele é apenas preconceito, comodismo ou instinto de autodefesa. (MACHADO, 2001:10-11)

As discussões e reflexões sobre as novas tecnologias ocorrem entre os adeptos do otimismo exacerbado ou do ceticismo. Todavia, é importante salientar que a informática evidencia esses dois pontos de vista. Sendo assim, da mesma forma que a literatura pode ser utilizada para socialização ou aniquilação do leitor, o uso da informática também retém essa duplicidade. Aproveitar a rede mundial de computadores para obtenção de informações é uma atitude positiva, porém utilizá-la como um simples depósito de informações ou, mais catastrófico, como uma máquina de jogos, situa-a distante dos objetivos propostos por Machado.

A criticidade, a cautela e a maturidade do usuário transpõem o uso do computador de um simples equipamento para uma ferramenta importante para o mundo contemporâneo. A escola é o local próprio para que essas discussões sejam analisadas, pois confere o desenvolvimento crítico dos professores e alunos sobre esse assunto.

A importância desse espaço de reflexão é que, nas escolas, a informática geralmente não é uma disciplina a ser ensinada por si mesma, como as aulas de língua portuguesa e de matemática, que são lecionadas como um conjunto de saberes e habilidades constituídos aos quais se atribui uma parte da carga horária. Contudo, as competências esperadas dos professores são da ordem de uma “didática da informática”, como cita Perrenoud (2000), fundamental para ocorrer à inclusão das novas tecnologias na escola.

A informática na escola não é uma disciplina, mas também não deve ser um simples meio para o ensino. O quadro-negro é um recurso para o trabalho do professor. O computador, ao contrário, deve ser compreendido como um instrumento do professor e do aluno. Diferentemente do quadro-negro, utiliza-se o computador não apenas na escola. A sua utilidade é reconhecida em diversos contextos da vida de alunos e professores.

Convém, então, indagar qual cultura informática se quer ensinar na escola. Como diz Perrenoud (2001), os defensores das novas tecnologias, às vezes, possuem uma visão muito curta e ingênua da transferência didática. Há menos de 10 anos, alguns propunham o ensino de uma linguagem elementar de programação, como a antiga “Basic”²⁰, desde a escola fundamental.

²⁰ A linguagem *Basic* (*Beginners All-Purpose Symbolic Instruction Code*), foi criada, com fins didáticos, pelos professores John G. Kemeny e T. Kurtz em 1963 no Dartmouth College. Um programa em Basic tradicional tem suas linhas numeradas, sendo que é quase que padrão usar números de 10 em 10 (o que facilita a colocação de linhas intermediárias). Os comandos são poucos, simples e facilmente compreensíveis na língua inglesa.

O desenvolvimento informático é muito rápido. Hoje uma consulta na internet pode ser tão banal quanto o uso do telefone. Perrenoud (2000) defende a posição de “não ensinar o uso dos instrumentos na escola”.

É um pouco mais difícil navegar de uma página à outra no hipertexto do que usar o telefone, mas a verdadeira dificuldade não está aí. Para usar plenamente o telefone, mais vale dominar a leitura das listas telefônicas e outros documentos de referência e a comunicação oral. Do mesmo modo, todos podem aprender a servir-se de um “software”, por tentativa e erro, ou graças aos manuais e auxílios “on-line”, desde que saibam ler fluentemente. É nitidamente mais difícil dominar a lógica dos laços hipertextos, a arquitetura das redes, as estratégias de navegação inteligente em uma grande quantidade de dados, de textos e de imagens, cujo valor e pertinência são, em geral, difíceis de avaliar. (PERRENOUD, 2000:128)

O progresso das tecnologias oferece novos campos para o desenvolvimento de competências fundamentais aos alunos. Perrenoud (2000) defende que as novas tecnologias desenvolvem nos alunos o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação.

Essas competências, desenvolvidas com o aprendizado tecnológico, fortalecem o alcance das classes em desigualdades ao domínio das relações sociais, da informação e do mundo. Perrenoud (2000) ainda extrai desse exemplo uma consequência paradoxal: “preparar para as novas tecnologias é, para uma proporção crescente de alunos, atingir mais plenamente os mais ambiciosos objetivos da escola” (2000:128).

```
10 INPUT A,B
20 FOR I=A TO B STEP 1
20 IF MOD(I,2)>0 THEN 40
30 PRINT I
40 NEXT I
50 END
```

Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/BASIC> com acesso em junho de 2006.

Tradicionalmente, o ensino baseia-se em documentos e um professor pouco informático irá contentar-se em usar os manuais e outros “livros do professor” propostos pelo sistema educacional ou pelos editores especializados. Com o avanço da tecnologia, os documentos impressos são cada vez mais gravados sob forma digital e colocados à disposição em cederrom ou em rede.

A competência dos professores, em nosso tempo moderno, está em utilizar esse material digital em seu ambiente de trabalho, proporcionando, assim, uma forma de conhecimento atual aos alunos. Já se pode, por exemplo, considerar ultrapassado pendurar dois ou três mapas geográficos na sala de aula, quando há um meio mais eficiente de observação, pois há imagens geradas diretamente por satélites e disponíveis na rede, como as informações disponibilizadas no programa “Google Eart”²¹. Dessa forma, alunos e professores possuem acesso a todos os mapas necessários com possibilidade de interação e busca exata e atualizada das informações estudadas naquele momento.

Introduzir computadores na escola está além de colocá-los em um laboratório de informática. A relevância de sua utilização está em proporcionar ao aluno a aquisição do conhecimento de forma independente e consciente. Ocorre que, em algumas escolas, as atividades propostas no laboratório de informática aos alunos são meramente para a utilização mínima da capacidade da máquina.

De tal modo, é importante compreender o fascínio que a informática exerce sobre a criança e o adolescente, utilizar como estímulo atividades realizadas no computador pode ser fundamental. O professor que compreender a atração que a

²¹ Google Eart é um serviço de exibição de mapas baseados em satélite. Permite navegar desde uma visão geral da Terra até chegar a um zoom detalhado que exhibe ruas, casas e carros. Basta Mover o scroll do mouse para se aproximar ou se distanciar de um ponto do mapa. O programa pode ser baixado gratuitamente em <http://earth.google.com/>, mas requer uma máquina potente e conexão rápida à Internet. Matéria publicada no Jornal “Zero Hora” de Porto Alegre, 21 de junho de 2006. Caderno ZH Digital.

informática provoca em seus alunos, por exemplo, os programas de mensagens instantâneas, como o “MSN Menssenger”²² e sítios como o “Orkut”²³, poderá conciliar essas ferramentas à aprendizagem. A escola que possuir laboratório de informática equipado e professores habilitados para promoção de projetos poderá transformar esse espaço em um local atrativo e contemporâneo para os seus alunos, com a propensão em favorecê-los na construção do conhecimento.

Os estudantes nascem e criam-se em uma era intensa de estímulos. Dessa forma atraem-se em realizar tarefas com equipamentos modernos que possibilitem a dinamicidade de conseguir uma interação rápida. Contudo, há certos cuidados que devem ser tomados quando a escola pretende instalar o seu laboratório de informática. O primeiro seria dimensionar corretamente o uso dos computadores para que não se deprecie a aula realizada sem a utilização dessa tecnologia.

A aplicação da informática se for empregada adequadamente para esse fim pode tornar a educação mais produtiva, relevante e interessante para estudantes e professores de todas as idades. A motivação para trabalhar com os computadores resulta em uma ampliação dos horizontes intelectuais. É importante salientar contudo, que a informática não é uma solução na busca da resolução dos problemas que envolvem a escola.

Há um enfoque na internete como uma ferramenta universal de comunicação e pesquisa, a qual, conecta os estudantes com o mundo das telecomunicações globais. Entretanto, outra ressalva que deve ser feita, trata sob a tecnologia que

²² MSN Messenger, ou apenas Messenger, é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O programa permite que um usuário da Internet converse com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede Disponível em www.msn.com.br com acesso em janeiro de 2006

²³ O orkut é uma comunidade virtual afiliada ao Google, criada em 22 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro do Google. Sistemas como o adotado pelo projetista, também são chamados de rede social. Disponível em www.orkut.com com acesso em janeiro de 2006

pode expor os estudantes a aspectos menos desejáveis do mundo real, como a pornografia, a pedofilia e a xenofobia. Desse modo, o uso da internet coloca os professores em um dilema: por um lado, a promessa de maior liberdade; por outro, uma necessidade de uma atenção maior por parte dos professores.

Ao integrar computadores à sala de aula, deve-se prestar atenção no fator psicológico do aluno. As crianças e os jovens estão em um período de desenvolvimento emocional muito instável, o que pode resultar em um sentimento de inferioridade por parte do aluno que não possui um computador em sua casa, ou não consiga operá-lo de forma satisfatória perante o seu grupo de colegas. O professor precisa estar atento para tais situações. A escola poderia tentar flexibilizar horários para o uso do laboratório de informática em contra turnos de aulas dos alunos, pois disponibilizar o acesso ao computador em horários diversificados auxilia a sua inclusão digital.

As críticas emitidas por pessoas contrárias ao uso dos computadores nas escolas merecem atenção, principalmente quando mencionam a seguinte situação:

Esforços imensos são despendidos para integrar os computadores ao currículo escolar. Mas o fato de os computadores poderem ser usados nas escolas não significa que eles devem ser usados. Na falta de objetivos educacionais precisos, informatizar as salas de aula torna-se uma mera desculpa para utilizar novos brinquedos caros. (ARMSTRONG, 2001:28)

Essa condição acontece quando a escola e os professores não realizaram um planejamento satisfatório. No entanto, isso pode ocorrer com outras ferramentas de ensino. Uma biblioteca, quando é utilizada para a realização de trabalhos escolares que resultam simplesmente na cópia do conteúdo do livro didático para o caderno do estudante, também não é um bom exemplo de objetivo educacional preciso.

É importante salientar outro aspecto importante, a ergonomia dos móveis. Ela deve ser adequada para os alunos de diferentes idades, pois a atenção dirigida a esse fator é fundamental para que não ocorram prejuízos à saúde dos estudantes, por Lesões por Esforços Repetitivos (LER) ou pelos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT)²⁴.

Não se poderia pensar, hoje, em uma pedagogia e uma didática escolar sem estar consciente das transformações a que a informática submete as práticas de leitura e de escrita. Como menciona Perrenoud (2000), o professor que se preocupa com a transferência do conhecimento escolar para a vida tem interesse em adquirir uma cultura básica no domínio das tecnologias – quaisquer que sejam suas práticas pessoais. Do mesmo modo, o domínio das tecnologias é necessário aos educadores que aspiram lutar contra o fracasso escolar e a exclusão social.

3.2 ANÁLISE PRELIMINAR DA INCLUSÃO DIGITAL NA ESCOLA

O céu estrelado é mais nítido
Lá na translucidez da altura.
Há um espreitar de olhos curiosos
Em cada estrela que fulgura

Castro Alves (Navio Negreiro, 1854)

²⁴ Lesão por Esforço Repetitivo (L.E.R.) ou Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (D.O.R.T.) são os nomes dados às afecções de músculos, tendões, sinóvias (revestimento das articulações), nervos, fâscias (envoltório dos músculos) e ligamentos, isoladas ou combinadas, com ou sem degeneração de tecidos. Elas atingem principalmente – mas não somente – os membros superiores, região escapular (em torno do ombro) e região cervical. Têm origem ocupacional, e decorrem (de forma combinada ou não) do uso repetido ou forçado de grupos musculares e da manutenção de postura inadequada.

Disponível em http://www.fundacentro.gov.br/CTN/forum_maos_ler_dort.asp?D=CTN com acesso em abril de 2006.

É importante lembrar que a tecnologia foi desenvolvida, primeiramente, para ser utilizada nas guerras. “Há uma vasta produção literária mostrando o quanto às guerras estão na base dos grandes saltos no desenvolvimento da ciência e tecnologia. No que se refere à informática não é diferente” (BIANCHETTI, 1997). O computador foi construído para ser utilizada militarmente e modernizou-se durante a Guerra Fria.

Em 1969, nos Estados Unidos, nasceu a ARPA (“Advanced Research Projects Agency”) conhecida hoje como internete. “A ARPA era uma rede do departamento de defesa norte-americana que tinha por função interligar centros de pesquisa” (LEÃO, 2001: 22). A preocupação era que essa utilização diferenciasse do objetivo inicial, porque, como menciona a autora Leão (2001), “quando a educação baseada no uso de computadores foi introduzida nas escolas, grande parte do modo de pensar militar veio com ela” (2001: 22). Os computadores primeiramente foram utilizados como um modo eficiente de ensinar aptidões básicas às crianças, como, por exemplo, a resolução de problemas e tomadas de decisões.

No Brasil, o INEP/MEC realiza anualmente o Censo Escolar, o qual consiste em um levantamento de dados estatístico-educacionais em nível nacional. As informações são obtidas pela escola, sendo os diretores os informantes responsáveis. O Censo Escolar fornece os pareceres sobre a matrícula e o percentual de alunos em escolas com laboratórios de informática e acesso à internete. Essas informações possibilitam saber o quanto estão inseridas digitalmente as escolas brasileiras e, conseqüentemente, também os seus alunos. A instituição de ensino, conforme mencionam as pesquisas, constitui o principal canal de acesso de crianças e adolescentes ao conhecimento digital.

Os dados nos mostram que, do total dos alunos do ensino fundamental em 1997, apenas 10,8% estavam matriculados em escolas com laboratório de informática. Em 2003 esses números alcançaram 23,9%. Os alunos do ensino médio, em 1997, estavam entre os 29,1% dos quais freqüentavam as escolas que tinham laboratórios de informática. Em 2003 esses percentuais alcançaram 55,9%. Ou seja, pouco mais da metade de todos os alunos do ensino médio tinham acesso a laboratórios de informática.

A partir da análise da presença de itens de infra-estrutura de apoio pedagógico, verifica-se que há uma enorme lacuna a ser preenchida. A maioria dos alunos da educação básica freqüenta escolas com biblioteca, mas outros recursos pedagógicos, como laboratório de ciências e de informática, quadra de esportes e acesso a internet, ainda são escassos, principalmente no ensino fundamental. Apesar disso, concorda-se que a infra-estrutura do estabelecimento de ensino, segundo avaliação educacional, exerce importante influência sobre o aprendizado.

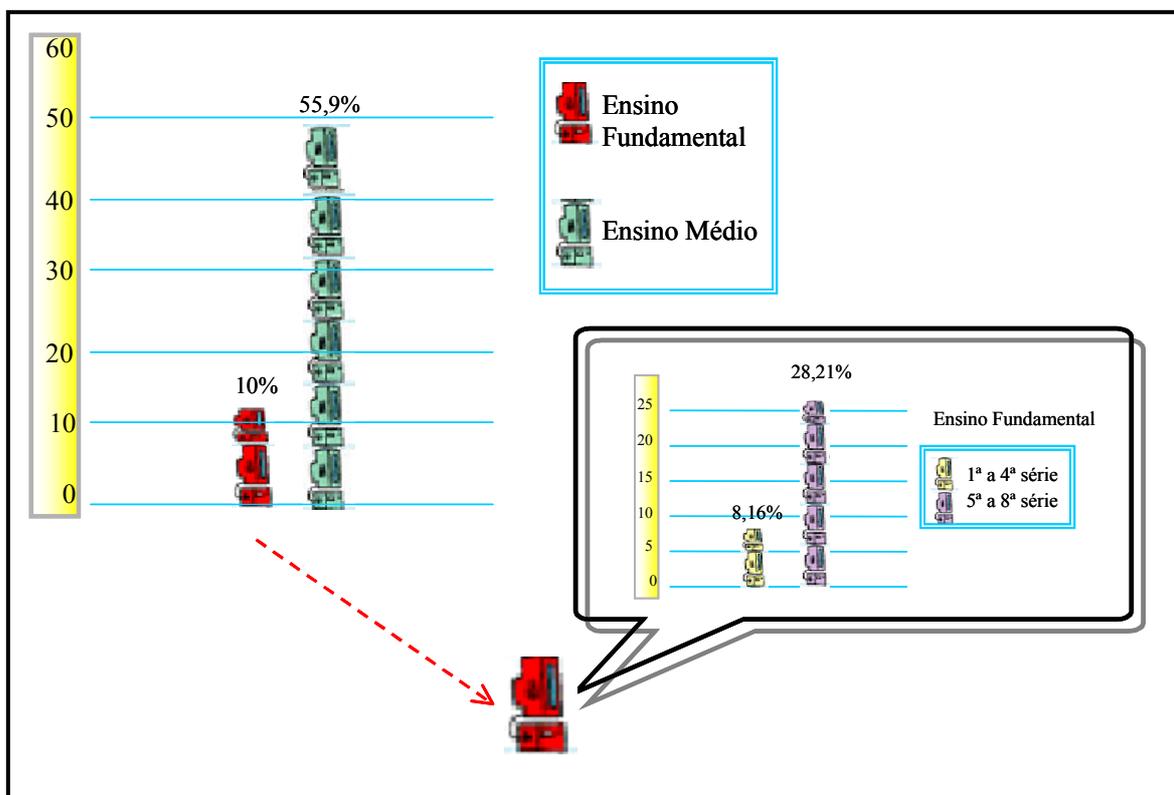


GRÁFICO 5: Condições de oferta – 2003
% de escolas segundo a infra-estrutura disponível
“Retratos da leitura no Brasil”

Conforme a análise do Censo Escolar de 2003 realizado pelo MEC, é positiva a relação entre o desempenho escolar do aluno e o seu acesso ao computador na escola. Por exemplo, de todas as faixas etárias analisadas, compreendidas entre os nove e vinte e um anos, a que apresentou a maior diferença na aprendizagem com 13,06% foi a que compreendeu os alunos entre treze a dezoito anos que freqüentavam a 8ª série,. Tanto na prova de Português quanto na prova de matemática, essas foram as idades que tiveram maior impacto positivo no desenvolvimento escolar perante o acesso à informática.

Nas outras faixas etárias, igualmente comprovou-se que o acesso ao computador diferenciou o percentual positivo de rendimento escolar. As estatísticas

estabelecem 6.49% a mais de aproveitamento quando se considera o aluno de nove a quatorze anos que frequenta a 4ª série e 8.35% na faixa de dezesseis a vinte um anos que frequentam a 3ª série do ensino médio.

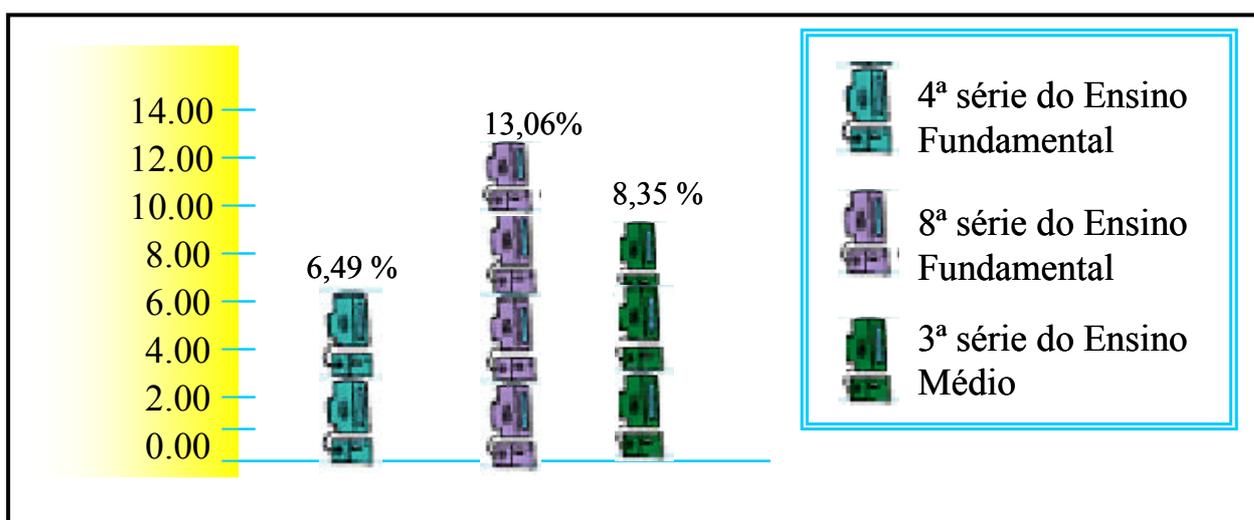


GRÁFICO 6: Desempenho em língua portuguesa dos alunos que tem computador
“Retratos da leitura no Brasil”

O Governo Federal utiliza os seguintes veículos para combater a exclusão digital: o Programa Nacional de Informática para a Educação (ProInfo) e o Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações (FUST). Conforme Quartiero o ProInfo foi desenvolvido a partir de 1997,

como uma iniciativa da Secretaria de Educação a Distância (SEED/MEC) é a atual proposta do governo para introduzir e disseminar a tecnologia de informática na rede pública de ensino. Se num primeiro momento a necessidade para implantar uma política de informatização educativa era a de criar centros de pesquisa e capacitação nessa área, e num segundo, estruturas descentralizadas de atuação nos Estados e 78 municípios, a proposta do ProInfo é, finalmente, trazer o computador para dentro do espaço escolar. (2002: 76)

É necessário que os professores se prontifiquem na atitude de compreender as novas tecnologias, conforme menciona Perrenoud (2000), para utilizarem esse

conhecimento informático para criar situações de aprendizagens ricas, complexas e diversificadas.

3.3 A RELAÇÃO DO PROFESSOR COM A TECNOLOGIA

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Álvaro de Campos (Tabacaria, 1928)

A análise preliminar sobre a pesquisa realizada em 2003 pela Fundação Getúlio Vargas sobre a Inclusão digital na Escola resultou na seguinte afirmação: "A melhor forma de combater o "apartheid" digital a longo prazo é investir diretamente nas escolas, de modo que os alunos possam ter acesso desde cedo às novas tecnologias" (Sumário Executivo). Todavia, a formação dos professores é essencial para que o aparato tecnológico auxilie de forma determinante o ensino.

Uma pesquisa realizada pela Unesco (2004), em parceria com o Instituto Paulo Montenegro, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e pelo Ministério da Educação, intitulada "O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...". O objetivo desse levantamento consistiu em apresentar as principais características do professor brasileiro do ensino fundamental e médio, de escolas públicas e privadas, nas 27 Unidades da Federação.

A partir desses dados, apontou-se que a maioria dos professores brasileiros que tem acesso à informática não usa correio eletrônico (59,6%), não navega na internete (58,4%) e não utiliza o seu computador para diversão (53,9%). Os dados

sobre uso da internete fazem parte do item “Participação dos professores em eventos e atividades culturais”, do capítulo “Perfil dos Professores”, e traz também números sobre frequência a museus e teatros, participações em seminários de especialização, leitura de jornais e revistas e preferências culturais, entre outros.

O levantamento realizado pela Agência Nacional de Telecomunicações, a ANATEL, em 2003, da mesma forma estabeleceu a relação do Brasil com a tecnologia. Os dados indicaram que apenas 8% da população brasileira possui acesso a internete. A Unesco (2004) estabeleceu que 41,6% dos professores que usam a internete são um diferencial ao comparar com a utilização do total da população. Porém, deve-se verificar o motivo dos outros 58,4% não a utilizarem.

As possibilidades levantadas na pesquisa da Unesco foram: o alto custo do computador para compra individual, o baixo número de escolas que possuem salas de informática e o acesso restrito a esses espaços, quando existem. A falta de capacitação inicial em informática dos docentes é um fator responsável para uma certa fobia dos professores com a tecnologia e, desta forma, acabam não usufruindo a ferramenta digital quando elas estão a sua disposição.

Além destes dados, a pesquisa da Unesco revelou que os professores compreendem que a educação deve formar cidadãos conscientes com o mundo atual (72,2%) e desenvolver a criatividade e o espírito crítico (60,5%). Contudo, para obterem esses resultados, a maioria recorre aos modelos tradicionais de ensino, o que evidencia a distância da informática como meio para alcançar esses objetivos. Sendo assim, a Unesco recomenda, a partir dos dados da pesquisa, investir na valorização e na formação continua dos professores, tanto em suas áreas como em tecnologias.

O crítico americano Alison Armstrong (2001) propõem que, muitas vezes, o entusiasmo dos pais, alunos e dirigentes das escolas com a implantação dos computadores para a sala de aula é maior do que o dos professores. Ele cita que a empresa “Apple Computer” constatou que os professores necessitavam de uma média de cinco anos para mudar seus métodos de ensino e para utilizar os computadores de maneira a beneficiar os estudantes. Em uma pesquisa nacional nos Estados Unidos, o Centro de Organização Social Escolar, da “Johns Hopkins University”, em Baltimore concluiu em 1994 que apenas 5% dos professores que utilizam computadores nas escolas públicas norte-americanas podem ser contados como usuários exemplares (ARMSTRONG, 2001:41).

A pesquisa identificou que os professores que utilizam razoavelmente a tecnologia auxiliavam, por exemplo, os estudantes a produzirem seus diários e periódicos em vez de permitir que eles utilizassem os computadores para jogos. Esses professores receberam um treinamento básico e tiveram apoio de sua escola e de seu Estado no uso da informática.

Em uma pesquisa realizada no Brasil pelo Inep, em 2002, constatou-se que o computador na escola nem sempre está relacionado à aplicação pedagógica da informática e ao acesso à internet. Nesse levantamento, foi avaliado que, dentre os 66.496 mil estabelecimentos de ensino da educação básica com computador, 54% usam o equipamento em atividades pedagógicas e 42% estão ligados à rede mundial. No ensino público, 44,5% das escolas com computador fazem uso pedagógico desse recurso e destes 34,8% acessam à internet. Os índices são de 70,8% e 55,5%, respectivamente, no setor privado. Os percentuais abaixo indicados referem-se somente às escolas que possuem computador.

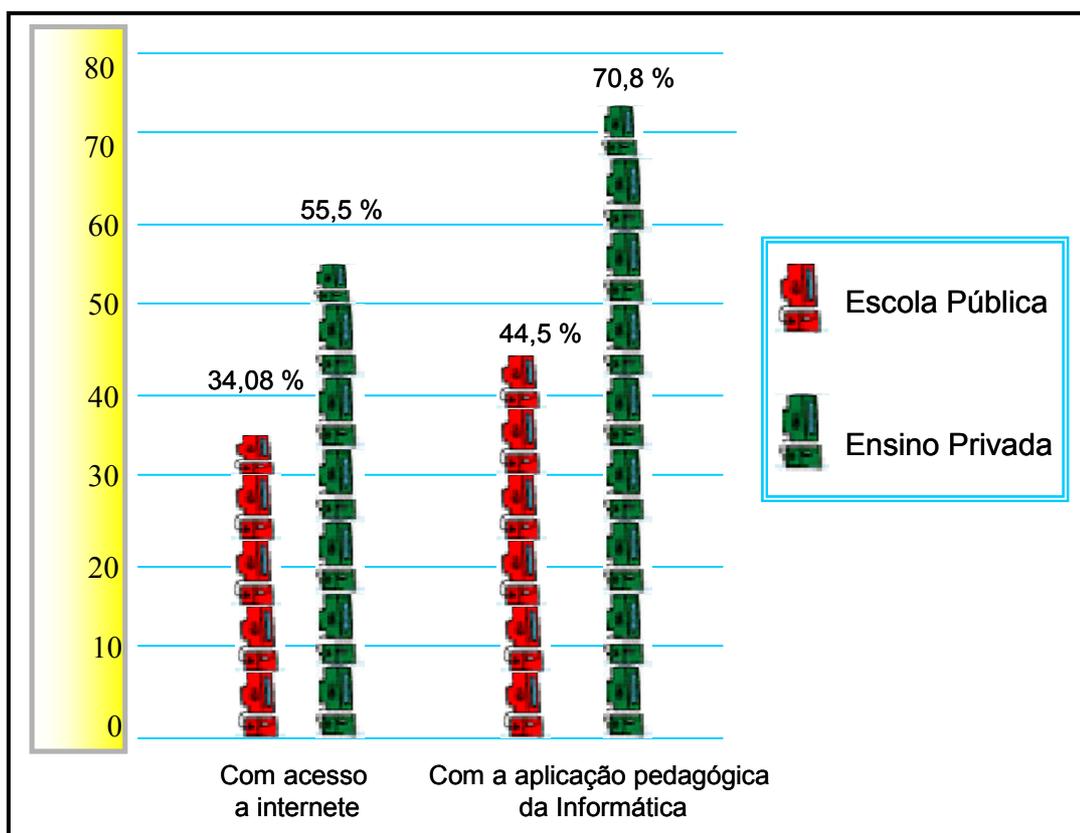


GRÁFICO 07: Percentual de Escolas Públicas e Privadas com Acesso à Internet e que fazem Uso Pedagógico da Informática “Retratos da leitura no Brasil”

A capacitação em cursos de informática ministrados aos professores é necessária, pois profissionais não habilitados possuem maior propensão de abandonarem os seus alunos quando esses estão no laboratório de informática. “Isso significa que, quando os estudantes estão ocupados com a tecnologia, eles freqüentemente recebem pouco ou nenhuma atenção por parte de seu professor” (ARMSTRONG, 2001:79).

A realização de uma proposta para a “alfabetização tecnológica” deve começar nas universidades com os graduandos da licenciatura. As universidades estão em fase de adaptação de seus currículos para essa nova necessidade do mercado, pois sairão delas os novos profissionais da educação.

O Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina desenvolveu o projeto, “Letras no século XXI: a formação de um profissional empreendedor”, em que propunha um desafio na entrada de recursos informáticos no processo do ensino, desenvolvendo uma reflexão de não reduzir essa nova tecnologia à mera substituta do giz, do quadro negro ou do retroprojeter (CABRAL et al, 2001:15).

Esse projeto teve como consequência, descrito no relatório da CAPES²⁵ de 1998, uma melhoria na qualidade dos trabalhos desenvolvidos por alunos que tiveram formação no Projeto “Letras no século XXI: a formação de um profissional empreendedor”. Outro fato que evidenciou a relevância do projeto foi a preocupação dos alunos com a produção de materiais didáticos mais adequados para as suas práticas de ensino. Expor os futuros professores, nesse caso, de língua e literatura, ao uso da informática em sua formação os dimensionou para o uso adequado da tecnologia em sua prática profissional.

A idéia de que o professor em formação aprenda a manusear uma determinada tecnologia significa que através de seu uso o coloca na posição de um usuário na ponta do processo (CABRAL, 2001,57). Porém, para que ele possa evoluir e verdadeiramente utilizar as ferramentas informacionais, precisará adquirir alguns conhecimentos técnicos, pelos quais provavelmente não esteja interessado ou com os quais não se sinta confortável. Compreende-se que “toda a nova tecnologia, se não for dominada, acaba por introduzir exclusões. Assim o é com aqueles que não dominam a escrita, assim o será com os ‘tecno-analfabetos” (CABRAL, 2001:65).

²⁵ Disponível em http://www1.capes.gov.br/estudos/dados/1998/41001010/041/1998_041_41001010014P0_Programa.pdf com acesso em maio de 2006.

O curso de informática básica não é suficiente para inserir o professor de forma eficiente ao mundo digital. A escola deveria proporcioná-los cursos freqüentes de informática, assim eles teriam mais segurança quanto utilizassem o equipamento. A universidade que possibilita aos seus estudantes de licenciaturas cursarem disciplinas que os insiram nesse aprendizado virtual, torna-o um “usuário mais competente e, imagina-se, mais seguro para se utilizar a informática em sua prática pedagógica posteriormente.” (CABRAL, 2001:65).

Poderá acontecer que o professor se depare, no início do seu caminho profissional, com escolas que já possuem o laboratório de informática e com alunos que dominem essa tecnologia, porém será o professor preparado para essa cena que mostrará como usar com qualidade essa ferramentas para o ensino. Os trabalhos no laboratório de informática devem ser construídos conjuntamente com o professor e os alunos, para que nenhuma das partes se sinta obrigada a usá-la.

Deve-se lembrar que a função do professor é democratizar criticamente o conhecimento entre os seus alunos, incluindo a área digital. Assim, aconselha-se relembrar o significado da palavra educação: derivada do latim “educare”, que significa conduzir. “Sócrates²⁶ acreditava que o papel do professor era extrair do aluno a consciência, o esclarecimento e o conhecimento que dissipariam a ignorância e conduziriam a uma clareza de pensamento.” (ARMSTRONG, 2001:50)

Há também de se dizer que os computadores mudaram muito o papel dos professores, capacitando alunos e docentes a ensinar e a aprender com uma maior independência. O instrumental tecnológico auxilia para a impulsão do

²⁶ Quem valorizou a descoberta do homem feita pelos sofistas, orientando-a para os valores universais, segundo a via real do pensamento grego, foi Sócrates. Sócrates nasceu em 470 ou 469 a.C., em Atenas, filho de Sofrônico, escultor, e de Fenáreta, parteira. Aprendeu a arte paterna, mas dedicou-se inteiramente à meditação e ao ensino filosófico, sem recompensa alguma, não obstante sua pobreza. Desempenhou alguns cargos políticos e foi sempre modelo irrepreensível de bom cidadão. Formou a sua instrução sobretudo através da reflexão pessoal, na moldura da alta cultura ateniense da época, em contato com o que de mais ilustre houve na cidade de Péricles. Disponível em <http://www.mundodosfilosofos.com.br/socrates.htm> com acesso em junho de 2006.

desenvolvimento intelectual e social do aluno na escola. A interação com o mundo, através da informática, torna-se fundamental para o aluno perceber conscientemente a sua importância na condução de sua instrução.

3.4 A INFORMÁTICA NAS ARTES LITERÁRIAS

A literatura,
como toda a arte,
é uma confissão
de que a vida
não basta.

Fernando Pessoa (Obra em Prosa, 1995)

A informatização da literatura, como em outras disciplinas escolares, foi importante por abranger diversas formas de arte desde as consagradas como escultura e pintura, como as modernas, como performances, poesia e arte digital. O aluno que desfruta do apoio tecnológico adquire novas possibilidades de compreender, confrontar e reinventar a leitura do mundo.

Na literatura, é possível encontrar diversos depoimentos de escritores brasileiros sobre a aquisição do computador como sua fonte de trabalho, tais como os testemunhos que seguem: Carlos Heitor Cony (2005), “Minha cruz e minha delícia, há alguns anos, é o computador. Para ser exato, é minha delícia primeiramente, depois minha cruz. O que ele facilitou a minha vida não foi mole. Antes dele, acho que ninguém e nada me trouxeram tantas benesses”; Luís Fernando Veríssimo (2005), “Só começo a escrever quando estou na frente do computador. Já tentei andar com um caderninho para anotar as idéias, mas acabava esquecendo o caderninho e as idéias”; Raquel de Queiroz (2005), “Não me

apaixonei pelo computador e até hoje escrevo à máquina. Já estou habituada com ela e nos entendemos bem”.

Em recente discurso, Bill Gates, presidente da Microsoft, admitiu que “ler a partir de uma tela é imensamente inferior do que ler a partir do papel. Quando é algo com mais de quatro ou cinco páginas, eu imprimo e gosto de tê-lo comigo para levar por aí e tomar notas” (ARMSTRONG, 2001:94).

Entre esses testemunhos, há aqueles que criaram e criam as suas obras ainda com o aparato da máquina de escrever ou com o simples dueto do papel e da caneta revelando o seu desconforto com a apropriação com a tecnologia (BIANCHETTI, 2001). Compreender a necessidade de estabelecer uma estratégia entre a tecnologia e a pessoa que irá manipulá-la é necessário para “chamar a atenção para a importância de utilizarmos esse instrumento tecnológico de modo a estabelecer com ele um diálogo em condições de igualdade” (SANTOS. *O Saber internético*, 2003:35).

Para o professor, o significativo é perceber a importância de não se curvar às lógicas dos ambientes e das linguagens de programação e sim utilizá-las e ultrapassá-las, a fim de que o valor primordial esteja no objetivo da aula e não na apropriação tecnológica.

3.5 BIBLIOTECA DIGITAL PARA UMA AULA PRESENCIAL OU A DISTÂNCIA

Ou se tem chuva e não se tem sol
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo em dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.
Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo . . .
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.
Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Cecília Meireles (Ou isto ou aquilo, 1964)

A biblioteca imaginada por todos provavelmente ainda é formada por um espaço físico com enormes estantes repletas de livros enfileirados e etiquetados. Esta imagem não é casual, pois contém na origem da própria palavra. Biblioteca deriva do grego “biblion” (livro) e “teka” (casa). O significado encontrado nos dicionários da língua portuguesa descreve um local com uma grande quantidade de estantes ou de edifícios onde estão ordenadas grandes coleções de obras.

Essa representação não condiz com o mundo digital, contudo revela a necessidade da reflexão sobre a ampliação do seu sentido e função e que atualmente sugere um outro meio, não físico, mas sim virtual. Não importa, então, a presença física dele, mas sim a possibilidade de tê-lo para a consulta, não

importando se as obras estão nas prateleiras das bibliotecas ou nas memórias dos computadores.²⁷

Já há várias iniciativas consagradas na formação das bibliotecas virtuais. A Biblioteca do Congresso²⁸ possui um acervo com predomínio da língua inglesa entre os seus títulos digitalizados. A União Européia é representada pela “Bibliothèque Nationale de France”²⁹, que pretende em um projeto de digitalização de obras reunir quinze países da Europa, para combater a hegemonia dos livros digitais em língua inglesa. (Folha Online, junho de 2005).

A Microsoft também está neste novo mercado de livros. Juntamente com a Biblioteca Britânica pretende digitalizar cerca de 25 milhões de páginas de conteúdo, o equivalente a 100 mil obras. Livros, diários, mapas e manuscritos ficarão disponíveis no sítio da biblioteca. A Amazon.com, a maior rede de vendas pela internete, também quer lançar em 2006 dois programas que permitirão aos consumidores comprar na internete obras completas, páginas específicas ou capítulos isolados; partes das obras serão visualizadas gratuitamente pelos seus usuários. Os valores dos livros digitais devem ser semelhantes aos já cobrados pelos arquivos de música em extensão “mp3”.

Outra empresa líder no mercado digital em acessos diários por usuários da rede, a Google, também planeja construir sua biblioteca virtual. Ela pretende retornar à digitalização de obras, a qual foi suspensa em agosto de 2005, apenas nove meses depois do seu início, devido a protesto de autores e editoras. O motivo alegado pela empresa é que apenas “cerca de 18% dos livros nas prateleiras de

²⁷ As reflexões aqui propostas foram realizadas no simpósio “Bibliotecas Digitais” organizado pelo NUPILL na UFSC, no qual compareceram os professores Francisco das Chagas (CED/UFSC), Lucídio Bianchetti (CED/UFSC) e a professora Fernanda de Sales (UDESC) em setembro de 2005.

²⁸ Disponível em <http://www.loc.gov/index.html> com acesso em junho de 2006.

²⁹ Disponível em <http://www.bnf.fr/> com acesso em junho de 2006.

bibliotecas que participaram do projeto foram impressos antes de 1923, e são, portanto, de domínio público. Todo o resto está protegido por copyright” (Revista EXAME, 2005). A digitalização das obras será a partir das coleções da Universidade Stanford e da Universidade de Michigan, que colocaram à disposição do projeto sete milhões de volumes.

A biblioteca brasileira, quase sempre, está em um espaço físico inadequado e possui um acervo pequeno de obras. O local, que deveria ser um centro de recursos educativos para os alunos, não possibilita o contato com o livro. Um problema para a conservação e disponibilização correta dos poucos materiais existentes é não ter a presença, na maioria dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, de um bibliotecário.

O baixo investimento governamental é o responsável por essa situação. Ao contrário das bibliotecas brasileiras, as norte-americanas recebem um investimento altíssimo por ano. Por exemplo, 100 milhões de dólares são investidos no acervo da Universidade de Harvard apenas para aquisição de periódicos. No Brasil, o total de investimentos equivale ao que a 10^a colocada das universidades americanas adquire com jornais e revistas.

A educação à distância estabelece uma forma eficaz para a utilização dos materiais disponíveis em meio digital. O ensino virtual utiliza como apoio as obras dispostas nas diversas bibliotecas virtuais existentes. Para muitos professores esse novo espaço educacional proporciona a utilização de vários documentos, “desde aqueles que utilizam simples caracteres “ASCII”³⁰, até aqueles que envolvem dados baseados em tempo (como vídeo, áudio, animações, simulações, etc.)” (MARTINS , 2003:248).

³⁰ ASCII - (*American Standard Code for Information Interchange*) é um conjunto de códigos para o computador representar números, letras, pontuação e outros caracteres.

O visionário sonho do Projeto Xanadu, de Ted Nelson, era ter acesso a uma rede mundial transformada em um grande armazenador, potencialmente infinito, de todos os documentos da humanidade. A partir de um conglomerado de computadores e de pessoas interconectadas se faz possível novos modos de ensino, dando origem a marcadas mudanças de comportamento e de modos de construir conhecimento (MARTINS, 2003:260).

O ensino ou leitura de materiais realizados pelos alunos através de uma mediação não presencial do professor não é novidade em tempos modernos. Em “1728 a Gazeta de Boston, em sua edição de 20 de março, oferece num anúncio: material para ensino e tutoria por correspondência” (UFC, Projeto Cátedra, 2004:02).

A chegada do correio postal, principiou a educação à distância. O avanço da ciência possibilitou o ensino telemático, o qual objetivou uma nova produção interativa em que o sentido se constitui pelo ‘jogo’ de um diálogo estabelecido entre os participantes (Prado, 2004). A Educação à Distância, ou EAD, propiciou um enriquecimento educacional ao proporcionar uma maior interatividade. No Brasil, desde 1946, o SENAC³¹, juntamente, com o SESC³², vem desenvolvendo experiências educativas utilizando as novas tecnologias.

A compra do aparelho de televisão, equipamento mais acessível à população brasileira conseqüentemente com o auxílio do governo, foi cada vez mais presente nas escolas de todo país. A presença desse equipamento possibilitou a realização de tele-aulas e auxiliou àqueles alunos com dificuldade de freqüentarem a escola em horários pré-estabelecidos a conseguirem seus diplomas. Um exemplo de sucesso mais difundido por essa prática é o “Telecurso de 2º grau”. O projeto foi lançado em 1978 e foi concebido pelas Fundações Padre Anchieta (TV Cultura/SP) e

³¹ Disponível em http://www.senac.br/centroesp_ead/ com acesso em março de 2004.

³² Disponível em <http://www.sesc.com.br/main.asp> com acesso em março de 2004.

Roberto Marinho e, através de programas televisivos, apoiados por fascículos impressos, prepararam o tele-aluno para os exames supletivos.

A disposição dos alunos para assistirem esse formato de aula impulsionou uma crescente popularização da educação à distância. Estudos realizados em diversos países demonstraram que a educação à distância é de fundamental importância para uma utilização direcionada e mais humanitária da tecnologia moderna. A UNICEF estabeleceu na "Declaração do Panamá"³³, em novembro de 2000, ações para a equidade e justiça social:

Promover o uso da tecnologia da informação nos processos de ensino-aprendizagem, incluindo a educação aberta e à distância. Com tal objetivo, promoveremos o desenvolvimento de programas informáticos, assim como a infra-estrutura e o equipamento que permitam o acesso das crianças e adolescentes a essas tecnologias.

Machado (2001:20) defende que, atualmente, tanto num centro avançado como Massachusetts, quanto numa aldeia indígena do Pará, não se pode mais fugir dessa discussão. Todos devem ter a possibilidade de completar seus estudos conforme as suas necessidades e a tecnologia facilita que isso ocorra.

Hoje, a mais recente possibilidade para a educação à distância está relacionada a dois mecanismos de transmissão: a geração por satélite (videoconferência e teleconferência) e a geração pela internet. A transmissão caracteriza-se por não desvincular completamente a imagem que o aluno possui de uma sala de aula tradicional. O que realmente será diferente é o comparecimento do professor virtual, pois se fará presente através da transmissão da sua imagem para um aparelho de televisão e, ou para um computador.

³³ Disponível em <http://www.unicef.org/brazil/> com acesso em junho de 2006

A internete auxilia as aulas à distância, porque esse programa tornou-se um importante aliado nas aulas em EAD, pois é a partir dessa ferramenta que o aluno terá o maior contato com o conteúdo a ser estudado. Esses cursos, normalmente, possuem um sítio próprio onde estão disponíveis os materiais para os alunos. Desta forma apenas os matriculados possuem o acesso ao conteúdo das disciplinas.

Há programas que monitoram a entrada e permanência do estudante na página do seu curso, e estabelecem uma presença virtual, como se ele estivesse freqüentando uma sala de aula. Um dos programas que possibilitam esses procedimentos é o “WebCt”, utilizado pela plataforma de Educação à Distância da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a PUC Virtual³⁴.

A página é muito importante para a interação do aluno durante o curso, pois disponibiliza ao estudante a navegação por vários instrumentos que auxiliam na aprendizagem. Nesse sítio, há salas de bate-papo (contato síncrono com os colegas, monitores e professores do curso), fórum (participação assíncrona), o imeio (uma fonte disponível fora da página do curso que disponibiliza contatos durante e após o término das aulas) e o material em hipertextos que propõem o conteúdo a ser estudado, material publicado em rede, endereços de sítios, bibliotecas virtuais e aulas gravadas em vídeo entre outras opções.

Os profissionais de educação à distância procuram uma maneira de perpassar o emaranhado de leis editoriais, pois o ensino à distância necessita da utilização do material disponível em rede. Santos questiona, então “como pode ser possível alguma construção de saberes no ciberespaço baseada nas condições de contorno de uma tradição de pensamento ainda fortemente ancorada no meio impresso?” (2003:34)

³⁴ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *Unidade de Ensino a Distância*. PUCRS Virtual. Disponível em: <www.pucrsvirtual.br> Acesso em: março de 2004.

Com o objetivo de contornar essa situação, as instituições de ensino virtual disponibilizam ensaios sobre os assuntos abordados nos cursos e realizados por professores pertencentes ao corpo docente, publicam livros-digitais (os quais, normalmente, são de autoria de professores em EAD) e relacionam sítios que discorrem sobre os conteúdos propostos. Atualmente, podem ser encontradas bibliotecas digitais literárias, como a de literatura Brasileira do NUPILL³⁵. Todavia, deve-se observar de que forma esses bancos de dados são construídos, pois corre-se o risco de

deixarmos às próximas gerações o legado de bibliotecas digitais que distorcerão em demasia a nossa riqueza literária. Outros países, sentindo esse risco e vendo a necessidade de fornecer material digitalizado de boa qualidade e com um mínimo de confiabilidade, optaram por investir na produção de suas bibliotecas digitais, a exemplo do projeto GALLICA, da Biblioteca Nacional da França.³⁶

A utilização da literatura digital deverá disseminar conhecimento aos alunos e possibilitar uma facilidade na apropriação da cultura literária, mas faz-se necessário, antes, ponderar alguns fatores importantes, como: estruturação do saber textual por professores e alunos, parceria dos autores em rede, navegação hipertextual qualificada, mudanças na legislação do texto com o autor e o editor.

As obras que são disponibilizadas em uma biblioteca virtual tornam-se um material importante para a educação à distância. Conforme cita Maignien (1995), é necessário que a realização de uma biblioteca ideal seja constituída sobre a seguinte lógica de coerência: as aquisições devem ser feitas por disciplina em redor de obras clássicas, de preferência das obras indispensáveis, à procura, em suas

³⁵ Disponível em www.literaturabrasileira.ufsc.br com acesso em junho de 2006.

³⁶ Proposta de Criação e Implantação - Biblioteca Digital de Literatura Brasileira - responsabilidade Social e Cultural - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística – Nupill

dimensões históricas, interdisciplinares, mas também outras sobre as grandes perguntas contemporâneas.

A educação à distância exige um aparato cultural preparado para a tecnologia moderna e, apesar de o aluno estar rodeado de meios de comunicação (professores, imagens telemáticas, hipertextos, vídeos, som e etc.), o seu conhecimento acontecerá a partir de fenômenos individuais. A área educacional deve se ajustar a esse novo momento educacional, através do desenvolvimento de Bibliotecas Digitais.

4. O PROJETO DO CEDERROM

4.1 A ESTRUTURA PARA REALIZAÇÃO DO PROJETO

O inseto



Paulo Leminski (Caprichos e Relaxos, 1980)

O Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística, NUPILL, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pelo prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos, tem como proposta central o desenvolvimento de pesquisas sobre textos literários eletrônicos, abrangendo um leque que compreende a criação, a leitura, as práticas de produção de textos, passando por estratégias e ferramentas de ensino e aprendizagem de literatura. O Núcleo realiza pesquisas que tratam da leitura de literatura em meio eletrônico há 10 anos.

Uma das ramificações de seus estudos é o “Ensino de literatura em meio digital”. Muitos bancos de dados de livros digitais na internet se alimentam da biblioteca digital do

NUPILL, a qual possui 852 obras digitalizadas, integrais e em modelo HTML para leitura livre na internet. A biblioteca digital também disponibiliza dados cadastrais de 50.760 obras e de 13.930 autores³⁷ já cadastrados, em que podem ser pesquisadas as seguintes informações: nome, pseudônimo, ano de nascimento, ano de morte, local da morte, descrição e a relação das obras, conforme a figura a baixo.

Nome: Joaquim Maria Machado de Assis				
Pseudônimo: Dr. Semana, Gil, Sileno, J., Job, J. J., Victor de Paula, Platão, Y., Lara				
Ano de Nascimento: 1839				
Local de Nascimento: Rio de Janeiro, RJ				
Ano da Morte: 1908				
Local da Morte: Rio de Janeiro, RJ				
Descrição: Poeta, romancista, contista, cronista, teatrólogo, crítico literário. Outros pseudônimos usados por Machado: As., M.-as., M. A., M. de A., M., Manassés, Eleazar, Lélío, João das Regras, Malvólio, Boas Noites.				
Obras do Autor Cadastradas				
Título da Obra	Gênero	Ano	Acesse a Obra	Críticas

FIGURA 01: Banco de dados da biblioteca virtual do NUPILL

Além dessas informações, há no sítio ferramentas de pesquisa que possibilitam a qualquer usuário da internet examinar os dados sobre as obras e os autores cadastrados.

O NUPILL, da mesma forma, auxilia os alunos de graduação a publicarem ensaios e criações literárias na revista de literatura em meio digital. A Mafuá³⁸ está em seu 4º número e é publicada em modelo virtual. O Núcleo também desenvolve o Portal Catarina, que possui obras e autores da literatura de Santa Catarina.

³⁷ A última atualização desses dados foi realizada em junho de 2006.

³⁸ Revista digital MAFUÁ. Disponível em <http://www.mafua.ufsc.br/> com acesso em junho de 2006.

As pesquisadoras Ivana da Silva Chodren, Jaqueline de Quadros Barboza e Sabrina Casagrande, que compõem a equipe do NUPILL, idealizaram a criação de um cederrom educativo, com o objetivo de possibilitar que alunos e professores desenvolvam habilidades de expressão e compreensão da linguagem literária.

O estudo dos recursos midiáticos disponíveis no núcleo de pesquisa possibilitou a realização de um aplicativo em cederrom. O aplicativo oferece uma série de informações correlacionadas com o tema central: a vida e obra do escritor Machado de Assis. O objetivo do projeto é despertar, desenvolver e ampliar o potencial da leitura do aluno. Além disso, são propostas diversas ferramentas para inserir o leitor na literatura digital, para que ele consiga compreender as relações entre os textos. Para tanto, no cederrom, utiliza-se a criação de elos entre os documentos disponíveis, propício para um pensamento não-linear e multifacetado.

Na construção do aplicativo, buscou-se uma integração digital entre obra e leitor. O projeto propõe a construção textual, de maneira que o leitor pudesse interferir no aplicativo conforme a sua escolha. Assim, a concepção do cederrom convergiu para as seguintes características básicas estabelecidas como importantes por Lúcia Leão:

-  As buscas e pesquisas não-sequenciais só são possíveis porque houve um trabalho prévio, necessariamente sequencial;
-  O percurso livre, criativo e fluido também. Rigor e exatidão no respeito a normas rígidas foram necessários;
-  A elasticidade dos sistemas hipertextuais, sua capacidade de expansão e retração está diretamente ligada a uma construção em blocos sintéticos, firmes e sólidos;
-  E, finalmente, uma característica bastante óbvia: o usuário só pode exercer sua mobilidade virtual entre os diversos sites se existir uma imobilidade no ato de estar sentado diante de uma máquina. (LEÃO, 2001:64-65)

A organização dos sistemas hipermidiáticos é policêntrica. Permite a sua ligação com inúmeras páginas e cada uma representa um diferente centro, o que

demonstra toda uma complexidade no sistema. Como menciona Leão (2001:71), na internet o centro está em toda parte e em lugar nenhum, o que nos leva à definição de um sistema acentrado.

O que se pretende, portanto, com esse aplicativo, não é apenas oferecer aos leitores mais um recurso didático que disponibiliza informações sobre literatura brasileira, mas, sobretudo, proporcionar uma aprendizagem ativa e que o conhecimento seja realizado de forma hipertextual.

Tendo em vista esse propósito de aprendizagem, o que guiou o desenvolvimento da construção desse material didático foi a concepção de que ler e escrever não são atos mecânicos e sim processos de produção de sentidos.

Com a construção desse aplicativo educacional, espera-se proporcionar aos leitores uma alternativa de trabalho com a leitura e escrita literária. Pode-se prever, também, que ele fornecerá subsídios para novos estudos e pesquisas sobre literatura e ensino.

4.2 A HIPERTEXTUALIDADE NO APLICATIVO

Ariel

Anel – peixe luminoso- escapa
Por entre as malhas dos sistemas e doutrinas.
O seu país flutuante não pode ser localizado no mapa.
Mesmo porque a poesia mora é nas entrelinha,
Mora no branco puro do papel.

Mario Quintana (A cor do invisível, 1989)

Antes de aceitar a proposição de que não se faz necessário ler a literatura em meio digital, pois esta já está em meio impresso, deve-se observar que não se faz

necessário ler a literatura em meio digital quando há uma pobre apropriação dessa mídia em si. O Cederrom não foi realizado para apenas armazenar dados, da mesma forma que o computador não é uma simples ferramenta. A simplificação da sua utilização para a leitura tornaria o desprovido de suas principais características, tanto do cederrom como do computador.

Uma diferenciação importante do hipertexto digital para o impresso é a situação, provavelmente a maioria dos leitores de livros impressos já se depararam com ela, de querer ir adiante em algum ponto do livro, pois surgiu uma curiosidade ou interesse. Mas o fato de ter de fechá-lo e ir buscar essa informação em outro material, necessitando de tempo e paciência, acaba em desmotivação e a leitura segue sem satisfazer a curiosidade.

O material disponível em uma rede de significação complexa, que é a internete, possibilita, através de um jogo circular onde os binômios: ordem/desordem, acaso/determinação, interação/retroação se conjugam de forma infinita e simultânea, maneiras rápidas e dinâmicas para atender a informação e o interesse de forma infinita e simultânea, conforme menciona Leão (2001:64). Além dessas ligações, a intertextualidade estabelece sentidos de compreensão próximos entre diferentes textos do autor e estimula as interpretações e as ligações com outras obras.

As obras em hipertexto levam o enfoque prático do livro eletrônico a uma etapa adiante e permitem que o leitor manipule o próprio texto. Ele seleciona inúmeras opções durante a leitura e controla, dessa forma, o que deve ocorrer a seguir.

O aplicativo torna-se uma hipermídia, pois compõe diversas interfases, por exemplo, de som, texto, imagens e vídeos, além de apresentar páginas com

estímulos diferentes. Com essas ferramentas, o cederrom fornece ao leitor um grau enorme de informações de forma ativa e objetiva.

A plataforma visual do cederrom foi planejada cuidadosamente para que muitos ícones, cores e animações não confundissem o leitor. Optou-se, então, por apenas palavras e cores claras. O cuidado na aparência do aplicativo surge a fim de que a dimensão da possibilidade multimídia não conduzisse o leitor a uma menor atenção à própria narrativa e, assim, colaborasse menos para desenvolver as habilidades de leitura. O autor Armstrong menciona essa situação:

Como os efeitos especiais oferecendo o que se chama de “diversão verdadeira”, concentrar-se no texto se torna algo trivial. Dedo no mouse, o leitor (ou espectador) cruza a tela para garantir que nenhum “dos pontos quentes” tenha sido perdido. Como resultado, é bem possível que as crianças percam o eixo narrativo da história. (2001:97)

4.3 ORGANIZAÇÃO HIPERTEXTUAL DO CEDERROM

Quem ousaria hoje decidir entre o que é literatura e o que não o é,
diante da irredutível variedade de escritos que se lhe costuma
incorporar, sob perspectivas infinitivamente diferentes?

Todorov

O cederrom possui ferramentas que, utilizadas pelo usuário, ramificam o aplicativo em múltiplas possibilidades de interação. O projeto é realizado a partir de um programa multimídia contido em um cederrom. O hipertexto eletrônico é utilizado para que o programa se torne navegável e possibilite as interações entre os textos.

O texto base escolhido foi o conto “O Relógio de Ouro” (1873) de Machado de Assis, como alicerce de desenvolvimento desses nós foi o princípio da organização

das múltiplas ligações. Alguns exercícios propostos deveriam ser o resultado de uma pesquisa realizada na sala de aula de escolas do município de Florianópolis. Os alunos estabeleceriam as palavras que apresentassem maior dificuldade de compreensão semântica, e, assim, desenvolveriam ligações com páginas, levando a exercícios e imagens, por exemplo. Não houve, entretanto, uma escola interessada pelo projeto e que possibilitasse essa interação. Desse modo, as palavras foram selecionadas pelos integrantes do grupo de pesquisa.

Além desses nós, também se propôs realizar ligações intertextuais entre as obras de Machado de Assis e aproximar, assim, sentidos semelhantes entre os diferentes contextos narrados pelo autor, estimulando a interpretação dos leitores. O objetivo é que a interatividade do leitor hipertextual ocorra de maneira que ele mesmo possa realizar os seus elos entre os textos. Dessa maneira, desenvolverá e ampliará o potencial do conteúdo da sua leitura.

No cederrom, o leitor encontrará, além da possibilidade de ler o conto “O Relógio de Ouro”, de Machado de Assis, em forma de hipertexto eletrônico, algumas informações adicionais. Tais informações referem-se ao “Contexto Histórico” que envolve as obras de Machado de Assis, “Vida e Obra” do autor, “Vocabulário” em relação ao conto citado e o “Instrumental Crítico” sobre Machado de Assis e sua obra.

A seguir, é apresentada uma figura que representa a organização hipertextual do cederrom, na qual pode-se perceber que os hipertextos foram arquitetados de maneira que a leitura não seja apenas seqüencial e sim multifacetada.

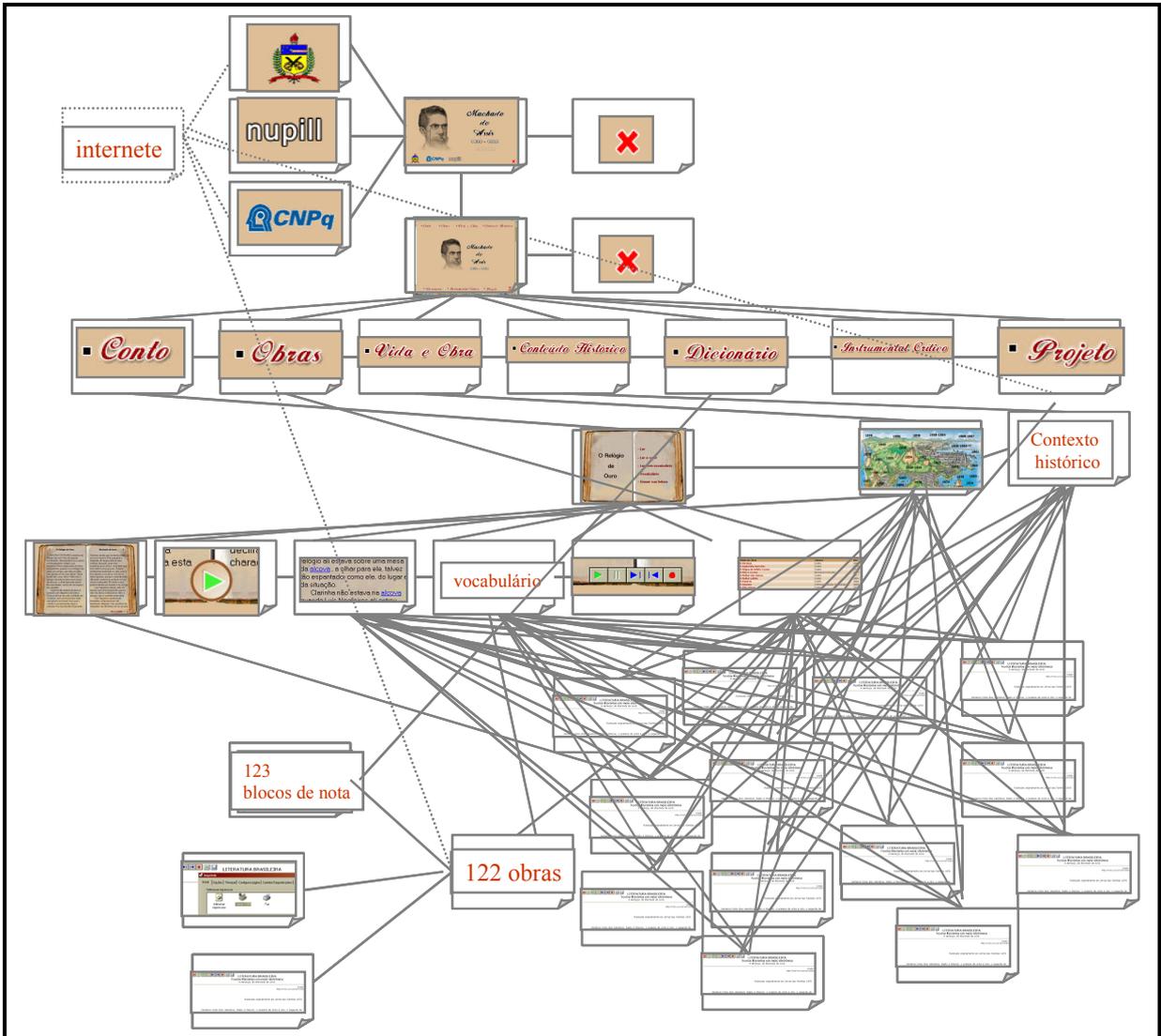


FIGURA 02: Organização hipertextual do cederrom

4.4 A OBRA DE MACHADO DE ASSIS NO CEDERROM

A Luz

Eu sou a luz fecunda, alma da natureza;
Sou o vivo alimento à viva criação.
Deus lançou-me no espaço. A minha realza
Vai até onde vai meu vívido clarão.

Machado de Assis (Crisálidas, 1864)

Para compor o cederrom, estabeleceu-se, primeiramente, o autor literário para o aplicativo. Machado de Assis foi escolhido por sua obra rica em significados, o que permitiria encontrar, conforme Antonio Candido (2001:171), “as suas obsessões e as suas necessidades de expressão”.

Segundo Arlindo Machado o estilo de Machado de Assis possibilita obter uma densidade muito maior de informação, a partir de um mínimo de unidades significantes. Além disso, a obra do escritor já estava completamente digitalizada e publicada na biblioteca do NUPILL. O projeto do cederrom contextualizou toda a obra do autor e configurou-se com a seguinte página de abertura:

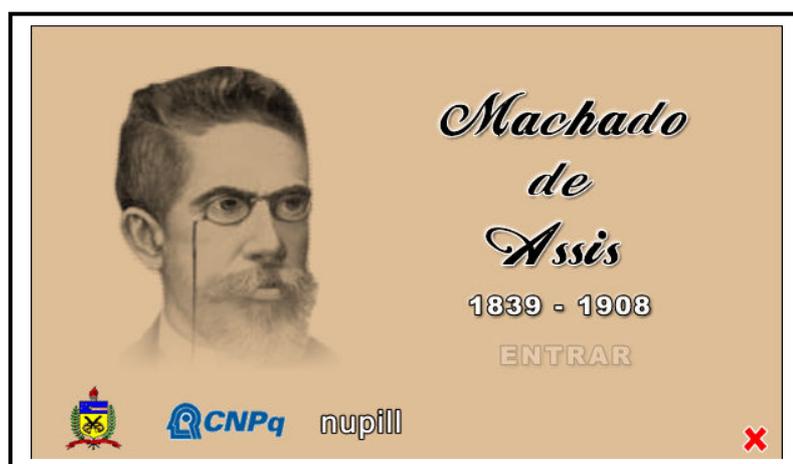


FIGURA 03: Página de abertura.

Esta página de abertura é visualizada automaticamente ao colocar o cederrom no dispositivo de leitura no computador. Com o início do aplicativo, começa a música conhecida como “Gaúcho” ou “Corta-Jaca” de Chiquinha Gonzaga, cantora contemporânea a Machado de Assis. A Fundação da Biblioteca Nacional musicou digitalmente algumas obras da cantora que estão em domínio público³⁹.

Há, na tela inicial do aplicativo, as instituições que apoiaram e financiaram o projeto e, dessa forma, propiciaram que o mesmo ocorresse, a Universidade Federal de Santa Catarina, o NUPILL e o CNPq. O “x”, em vermelho, no canto direito da tela, indica a forma de fechar o aplicativo. Para poder avançar à próxima etapa do cederrom, basta realizar apenas um clique na página.

A página seguinte apresentará as principais possibilidades para que o leitor navegue a partir de seu linques.



FIGURA 04: Página com as ligações fixas.

O aplicativo é dividido em sete ícones: [Conto](#), [Obras](#), [Vida e Obra](#), [Contexto Histórico](#), [Dicionário](#), [Instrumental Crítico](#) e [Projeto](#). Em [Conto](#), o aplicativo propõe ao

³⁹ Fundação da Biblioteca Nacional. Músicas Digitalizadas de Chiquinha Gonzaga. Disponível em <http://www.bn.br/fbn/musica/chiqmid.htm> com acesso em março de 2005.

leitor o acesso ao texto, como se ele fosse impresso e disposto de forma linear, como um livro com as páginas abertas.

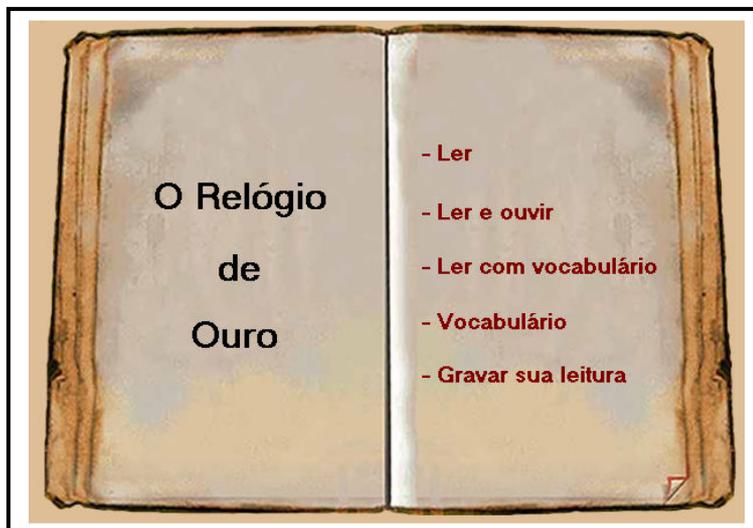


FIGURA 05: Página Conto

Há mais cinco opções básicas ao leitor, são elas: [Ler](#), [Ler e ouvir](#), [Ler com vocabulário](#), [Vocabulário](#) e [Gravar sua leitura](#). O leitor que escolher a ligação Ler o Conto realizará a sua leitura semelhante ao formato do livro tradicional, virando as páginas.

Em [Ler e Ouvir](#) o aluno tem a possibilidade de acompanhar a leitura do conto com a narração de Cléo Busatto⁴⁰, contadora de história. Dessa forma, o aplicativo traz a narração do conto para que o aluno se concentre na oralidade, além de demonstrar uma forma diferente, dramatizada, da leitura em voz alta, disponibilizando uma interpretação já feita por outro leitor, neste caso a contista. Além disso, permite o acesso a pessoas com dificuldade de visão ou cegas, possibilitando contato com a obra literária, pois as gravações podem ser realizadas em todas as obras do aplicativo.

⁴⁰ Cléo Busatto é contadora de história e arte-educadora. Mestre em Literatura – Teoria Literária na UFSC entre seus livros editados destaca-se A arte de contar Histórias no século XXI. Tradição e Ciberespaço, editora Vozes 2006.

[Ler com Vocabulário](#) foi a ferramenta que mais demandou tempo ao trabalho de desenvolvimento do cederrom, pois necessitou-se buscar, dentro do conto, possibilidades de interpretação para as palavras que os alunos, possivelmente, tivessem maior dificuldade de entendimento, já que o grupo de pesquisa não conseguiu a oportunidade de realizar essa classificação com os alunos em suas salas de aula.



FIGURA 06: Os exercícios das palavras Afago e Afável

O grupo de pesquisa desenvolveu 102 palavras do conto matriz e todas com exercícios diferentes. Contudo, não estão todas disponíveis no cederrom, pois não houve tempo hábil para os programadores do aplicativo disponibilizarem todos os exercícios. Com este trabalho proposto buscou-se instruir o aluno a percorrer um caminho de deduções para inferir o significado dentro do contexto e em um segundo momento o leitor poderá obter o significado da palavra e forma direta, quando clicar em [Segundo o Dicionário](#). Esses exercícios foram formulados para utilizar ao máximo as possibilidades da hipermídia.

Percebeu-se, durante a apresentação do protótipo do aplicativo em congressos, a importância que é para o leitor saber por que uma resposta escolhida está errada e a outra não. Vislumbrou-se planejar que o programa de exercícios disponibilizasse não apenas o significado da palavra correta, mas também das incorretas, o que proporcionaria ao leitor a capacidade de verificar o motivo da sua resposta não ter sido considerada apropriada. No entanto, não foi possível realizar essa atividade dentro do cronograma do projeto. Sendo assim, na ligação [Vocabulários](#) encontram-se juntos todos os vocábulos trabalhados no conto.

Em [Gravar a sua Leitura](#), o leitor tem disponível um suporte que fornece as seguintes possibilidades: gravar e ouvir. O objetivo da ferramenta é possibilitar ao aluno a oportunidade de avaliar sua oralidade e interpretação, interagir com a interpretação da contadora de história, ou analisar o tom de voz, a interpretação e as pausas utilizadas na leitura. Além disso, fornece a possibilidade de o professor gravar as leituras feitas por diferentes alunos e disponibilizar essas gravações àqueles que possuem dificuldade de leitura visual.

Na página [Obras](#) são reunidos todos os textos publicados por Machado de Assis.

Título da Obra	Gênero	Ano
A Herança	Conto	1878
A Inglezinha Barcelos	Conto	1894
A Mágoa do infeliz Cosme	Conto	1875
A Mão e a Luva	Romance e Novela	1874
A Melhor das noivas	Conto	1877
A Mulher pálida	Conto	1881
A Pianista	Conto	1866
A Semana	Crônicas e textos humorísticos	1892
A Vida eterna	Conto	1870
Almas agradecidas	Conto	1871
Americanas	Poesia	1875
Antes a rocha Tapéia	Conto	1887
Antes da missa	Teatro	1878
Antes que cases	Conto	1875
As Forças caudinas	Teatro	1906
Astúcias de marido	Conto	1886
Ayres e Vergueiro	Conto	1871
Balas de estalo	Crônicas e textos humorísticos	1886
Bons dias!	Crônicas e textos humorísticos	1888
Brincar com fogo	Conto	1875
Casa Velha	Romance e Novela	1944
Cinco mulheres	Conto	1865
Como se inventaram os almanaques	Conto	1890

FIGURA 07: Página Obras

Os textos, que aparecem nesta página do cederrom, possuem o recurso de rolamento, “scroll bar”, assemelhando-se com a utilização arcaica - a egípcia com os papiros e a grega com os pergaminhos - de armazenagem da escrita, “folhas” que se desenrolavam conforme a leitura se dava. Porém, através da leitura na tela do computador, dificilmente, o estudante terá a visão física e espacial do que será lido, o texto como um todo, se ele não utilizar a barra de rolagem na tela ou o mouse.

Por meio do ícone [Obras](#) o leitor poderá acessar a todos os textos escritos e publicados por Machado de Assis, os quais estão classificados por gênero e ano. Ao selecionar uma obra e clicar sobre ela, abrirá o texto, em formato TXT e, juntamente, à direita, o aluno encontrará a informação sobre o livro que foi utilizado para a digitalização. No romance [Dom Casmurro](#), por exemplo, aparecerá: “Edição Referência: Obra completa, Machado de Assis, vol. I, Nova Aguilar: Rio de Janeiro, 1994”. Em todas as obras que forem abertas aparecerá a seguinte barra de ferramentas à esquerda da tela.



FIGURA 08: Barra de ferramentas da página Obras

A proposta do cederrom é que o seu leitor possa realizar as ligações entre os textos, desenvolver e ampliar o potencial do conteúdo da leitura. Assim, há ferramentas no aplicativo que proporcionam ao aluno a gravação de todas as alterações realizadas no cederrom, sendo elas anotações, marcações de páginas ou novas palavras para o vocabulário. Essas gravações serão automaticamente abertas resgatando seus hipertextos cada vez que novas leituras forem iniciadas, tornando cada cederrom particular.

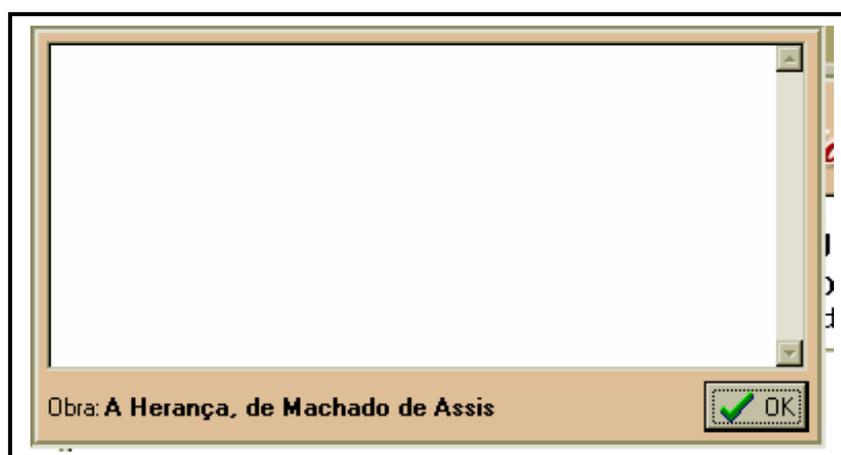


FIGURA 09: Bloco de notas

No link [Vida e Obra](#), estão disponibilizados dados biobibliográficos, de forma que o aluno não precise percorrer, obrigatoriamente, todas as datas. Ele poderá ler apenas aquela informação ou, caso haja interesse, também poderá, percorrer toda a listagem. Além disso, todas as obras citadas estão lincadas com o texto.

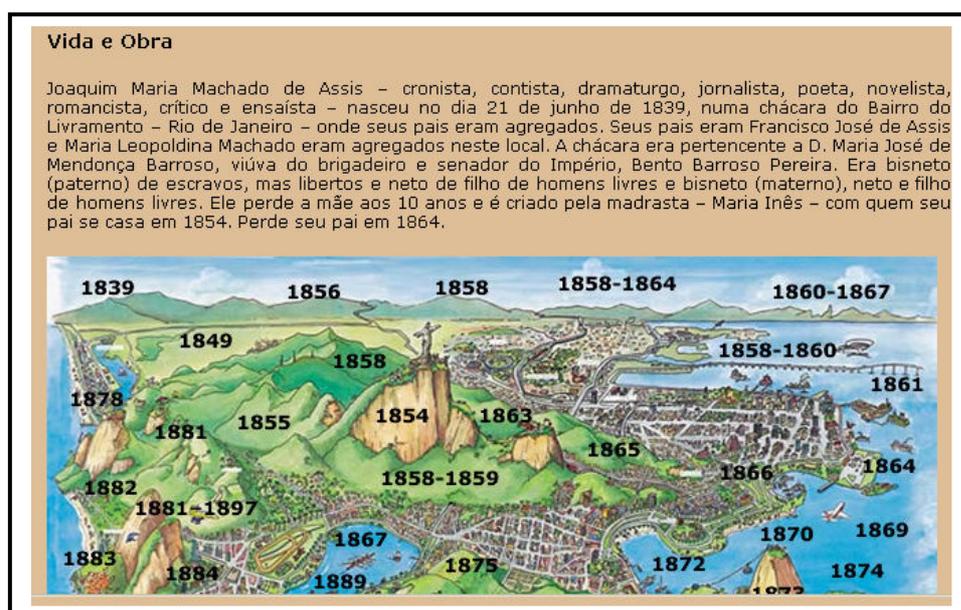


FIGURA 10: Página Vida e Obra

No [Contexto Histórico](#), o leitor encontrará informações sobre a realidade social e cultural da época em que Machado viveu e terá subsídios para ponderar se esses fatores influenciaram o autor e suas obras.

A opção [Instrumental Crítico](#) está disponível com excertos de alguns críticos que escreveram sobre a obra machadiana. São pontos de vista dos mais diversos tipos. Portanto não é intenção delimitar uma verdade para o leitor, mas sim conceder ferramentas para que ele possa definir o que lhe é mais interessante.

Na ligação [Dicionário](#), há listagem de algumas palavras que compõem o conto-matriz com o seu significado, conforme é encontrado nos dicionários, além de

alguns endereços de sítios que disponibilizam dicionários gratuitos “on-line”, para auxiliar na pesquisa de vocábulos de outras obras.

Foi previsto que o aluno também teria a disponibilidade da ferramenta do [Bloco de Notas](#) e, sendo assim, poderia construir uma listagem com as palavras novas que aprendeu em seu dicionário. Há, ainda, a proposta de apresentar três alternativas de significação vocabular, utilizando: o Aurélio, o Houaiss e um Dicionário de 1800, oferecendo, assim aos leitores, uma oportunidade de verificar as diferenças entre os significados no decorrer do tempo. Em [Projeto](#) está a proposta teórica inicial realizada no ano 2002 que resultou no aplicativo aqui descrito.

Nesse labirinto de acontecimentos, ocorre que um caminho pode ser preterido por outro, por esse motivo um recurso que possibilite recuperar o trajeto é fundamental. Essa sinalização é realizada com o botão voltar, “back”, sinalizado por uma flecha apontada para a esquerda, presente na maioria dos programas de navegação. As principais ligações sempre estão visíveis, pois é importante a possibilidade de se recuperar o percurso.

Conclui-se que a interatividade possui papel importante na hipermídia, apesar de alguns críticos, como Paul Virilio (1996), afirmarem que a interatividade é algo literalmente impossível nesse suporte, já que ele permite apenas a leitura e seus caminhos serem previamente estabelecidos.

Contradizendo Virilio (1996), buscou-se programar de tal forma o cederrom a fim de que haja a possibilidade dessa fuga de percursos pré-estabelecidos. Algumas técnicas foram determinantes para programar esse aplicativo, para que ele não ficasse fechado em si. Assim, torna-se possível navegar na internet e estabelecer a troca de informações, através de imeio, fórum e salas de bate-papo.

O cederrom possibilita ao leitor escrever os seus comentários e interferências, direcionar o seu estudo, além de estabelecer diálogos com outros leitores. A leitura hipertextual depende das interações do leitor com as obras, que acontecem através das ferramentas disponibilizadas no cederrom e no computador do usuário.

É possível incluir escolhas aleatórias de tal forma que a obra seja, a cada leitura, primeira e única. Estas são características citadas, por Lúcia Leão (2001:34), como importantes para um aplicativo. Possibilitar que o aluno se torne um leitor-ativo, é característica preliminar do cederrom, pois o leitor conduzirá o processo de leitura conforme o seu interesse, criando e transformando a cada momento o seu percurso no aplicativo.

O leitor não precisará recomeçar a sua navegação do início do aplicativo. Caso ele queira iniciar a sua leitura de um ponto exato de um dos textos, ele poderá ir direto a ele. Para tanto, ao finalizar a sua leitura eletrônica, haverá a possibilidade de gravar o ponto em que parou. Esse tipo de recurso cria um marcador de página, “bookmark”, e, na próxima vez em que ele carregar o aplicativo, um quadro de aviso aparecerá para perguntar se deseja retornar ao ponto da leitura que interrompeu ou se escolherá outro texto para ler. Essa ferramenta, em especial, proporciona a quebra do paradigma de que não se podem ler romances no computador devido à extensão da leitura que deve ser realizada.

CONCLUSÃO

Há estrelas brancas, azuis, verdes, vermelhas.
Há estrelas-peixes, estrelas-pianos, estrelas-meninas,
Estrelas-voadoras, estrelas-flores, estrelas-sabiás,
Há estrelas que vêem, que ouvem,
Outras surdas e outras cegas.
Há muito mais estrelas que máquinas, burgueses e operários:
Quase que só há estrelas.

Murilo Mendes (Estrelas)

Em um país na qual uma pesquisa como a “Retratos da Leitura do Brasil” constata que 62% da população pesquisada menciona que gosta de ler não pode ser intitulado não-leitor; além disso, os leitores efetivos brasileiros atingem nesse levantamento o percentual de 32 pontos. Deve-se levar em consideração que o Brasil possui um índice alto de analfabetos e a grande parte da população pertence à linha social que detém a faixa de menor distribuição de renda. Além disso, há um alto índice de desemprego e muitos brasileiros não chegam à universidade, e, na maioria das vezes, nem conseguem concluir o ensino fundamental.

A relevância dos dados demonstrados na pesquisa está em acreditar que com os livros não há apenas histórias narradas, e, sim, um importante desencadeador de atitudes sociais e políticas. Por exemplo, o “sentimento de camaradagem” que Culler (1999) atribui aos livros, encoraja os leitores à luta e desperta neles um senso crítico de cidadania. E está nos leitores a possibilidade de modificação não apenas da sua condição na sociedade, mas da sociedade em si.

O texto não traz as fórmulas de como melhorar o mundo, mas na subjetividade de suas palavras, conforme Compagnon (2003), ele propõe ao leitor que preencha os seus espaços em branco com as suas experiências, que as fendas dispostas de maneira aleatória façam um sentido maior que meras letras seqüenciadas.

O ato de ler transporta o leitor para um texto diferente a cada leitura. Iser (1996 e 1999) descreve fases distintas de compreensão a cada nova leitura realizada. O leitor adquire diferentes compreensões que vão se somando às anteriores. Este autor menciona ainda que a literatura sobrevive independentemente da leitura, mas o potencial dos textos não está com o livro fechado, armazenado em uma estante, ou na sua publicação na rede mundial de computadores, mas encontra-se na concretização da leitura pelo leitor. E é nesse momento que a literatura realmente evidencia toda a sua importância humanizadora.

É no dia-a-dia que o aluno aprofunda o seu código sociocultural e será, então, na escola que terá a possibilidade de aprimorar esse conhecimento, pois assim irá adquirir a seleção daquilo que constitui para cada si a formação da sua consciência leitora, e, desta forma, conseguir utilizar as informações contidas em sua vida de leitor em uma leitura hipertextual.

Esta pode vir a ser uma das funções sociais da escola para a literatura, porque se não houver a educação para uma leitura consciente, esse leitor brasileiro, se tornará parte apenas de mais uma estatística da UNESCO, a mesma que constata que o aluno de 15 anos não entende o que lê, é capaz apenas de realizar tarefas simples, como localizar informações específicas no texto e tem dificuldade em relacionar o conteúdo lido à realidade.

Portanto, para que essas etapas sejam vencidas, é preciso considerar que a leitura, como o conhecimento de informática, não é inata no ser humano. A importância da capacidade de leitura pelo aluno é tamanha, que a escola pode-lhe proporcionar pleno desenvolvimento, e assim ele poderá compreender o poder emancipatório que o ato de ler possui. Com o intermédio da literatura e a informática os alunos podem usufruir uma forma dinâmica e atual para contribuir na aquisição do conhecimento literário.

A internet desempenha papel importante no mundo contemporâneo. A leitura realizada nesse meio digital possibilita fragmentar o texto e torná-lo mais ágil e agradável aos jovens. Não obstante a isto o professor ainda terá a possibilidade de demonstrar ao aluno a leitura crítica realizada em fases, utilizando para isso o hipertexto, como menciona Iser (1996) e Barthes (2004).

A importância da compreensão do ato de ler e da tecnologia formaram fatores imprescindíveis para a realização de um aplicativo literário digital. Buscou-se arquitetar um cederrom que disponibilizasse toda a obra do escritor Machado de Assis e através de recursos hipermidiáticos transpusessem o texto com uma forma atrativa para a leitura. O objetivo é desafiar novos leitores no mundo dos livros e disponibilizar um aplicativo que seja aberto e rizomático ao possibilitar percursos distintos e não pré-estabelecidos.

Dessa forma, no grupo de pesquisa do NUPILL estabeleceu-se o conto “O relógio de ouro” como o texto-matriz, utilizando-o para apresentar algumas interações que são possíveis serem realizadas quando se lê um texto. Todavia, as dificuldades para a realização do cederrom de literatura foram muitas e inimagináveis no transcorrer do trabalho.

O grupo até hoje não compreende como não foi possível encontrar alguma escola na rede de ensino público de Florianópolis que quisesse colocar em prática o trabalho aqui proposto. Tal fato impossibilitou que, logo de início fosse realizada, em sala de aula com os alunos, a pesquisa das palavras que eles sentiriam mais dificuldades de compreensão semântica no conto “O Relógio de Ouro”.

A incompreensão do grupo de pesquisa perante a dificuldade e impossibilidade de inserção do projeto nas escolas suscitou algumas discussões que incentivaram a resenha de alguns capítulos deste trabalho. Os acertos e erros que vão ocorrendo durante a aplicação, ou a tentativa, do computador na escola, foram fatores importantes para o desenvolvimento da dissertação.

Há de se compreender que o aplicativo não foi concluído inteiramente. Faltou a realização da maioria das palavras selecionados para o Vocabulário e alguns outros detalhes, citados no capítulo quatro. As dificuldades durante a realização da programação do cederrom estão relacionadas com as constantes saídas dos programadores de informática do grupo de pesquisa. Por motivos profissionais e pessoais, esses integrantes não permaneceram muito tempo com o grupo, o que resultava na necessidade de sempre recomeçar todo um trabalho de explicação e compreensão do objetivo e tarefas a serem realizadas a cada novo ingressante o que necessitou de tempo.

Como foi possível observar neste trabalho, o uso do cederrom em sala de aula não foi realizado. No entanto, é necessário tomar uma certa distância do objeto de pesquisa e colocá-lo à disposição de aplicações distante dos olhares de admiração de seus projetores, para não perturbar, desta forma, as interpretações necessárias. Essa distância será necessária para se fazer uma análise menos apaixonada e mais prática, se os objetivos propostos podem ser alcançados.

Conclui-se que as questões discutidas no corpo da dissertação e as inúmeras propostas que surgiram durante a construção do cederrom levam a confirmar a obra aberta que é o aplicativo digital, pois questões relativas a uma melhor realização do aplicativo modificam-se rapidamente. Como já dizia Borges, “o conceito de texto definitivo (...) não corresponde senão à religião ou ao cansaço” (apud Machado, 2001:190).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da literatura*. 3 ed. Coimbra: Almedina, 1979.
- ALVES, Rodrigo. *Um país e seus leitores*. *Jornal do Brasil* (on-line), 14 de julho, 2001.
- ANDRADE, Mario de. *A Enciclopédia Brasileira*. Ed. Crítico F.C. Toni. São Paulo: EDUSP, 1993.
- ARMSTRONG Alison, Charles, Casement. *A Criança e a Máquina*. Como os computadores colocam a educação de nossos filhos em risco. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ARNT, Héris e FREIRE, Cristiabo Sá. *Machado de Assis online – Um roteiro de pesquisa por conteúdo na Internet*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna LTDA, 2001.
- BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2004.
- _____. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1982.
- _____. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1992.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BIANCHETTI, Lucídio. *Da chave de fenda ao Laptop*. Tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação. Petrópolis / Florianópolis: Vozes / Edufsc, 2001.
- BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BORGES, Jorge Luís. *O livro de areia*. Tradução Lígia Morrone Averbuck. 2 ed. São Paulo: Globo, 2001.

- CABRAL, Loni Grimm, LOPES, Ruth E. Vasconcellos, *Lingüística e ensino: novas tecnologias*. Blumenau: Nova Letra, 2001.
- CAIAFA, Janice. *Nosso Século XXI. Notas sobre Arte, Técnicas e Poderes*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- CAILLOIS, Roger. *Estrutura e classificação dos jogos*. Anhembi. São Paulo: novembro, 1956.
- CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- CAMPOS, Augusto de. PIGNATARI, Décio, CAMPOS, Haroldo. *MALLARMÉ*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1964.
- _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: EDUSP, 1988.
- _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CARTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha*. Tradução Fernando de Castro Ferro. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- COMPAGON, Antoine. *O demônio da Teoria*. Literatura e senso comum. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- CULLER, Jonathan. *Teoria Literária. Uma introdução*. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado de SP, 1999.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000, v.1.
- DICIONÁRIO AURÉLIO Eletrônico; século XIX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira e Lexicon Informática, 1999, CD-Rom, versão 3.0.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- ECO, Umberto. *A obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- _____. *Lector in fabula*. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. Tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. Os limites da interpretação. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- _____. *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FREITAS, Deise. *A Revolução no estilo de Machado de Assis*. Florianópolis. (Mestrado em Teoria literária) Curso de pós-graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1982.
- GUIMARÃES, Ruth. *Água Funda*. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1949.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. O jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Uma teoria do efeito estético. Tradução Johannes Kretsachmer. Vol.1 São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *O ato da leitura*. Uma teoria do efeito estético. Tradução Johannes Kretsachmer. Vol.2 São Paulo: Editora 34, 1999.
- Jornal ZH. Economia. *A febre da juventude na Internet*. Porto Alegre: quarta-feira, 27/07/2005.
- KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. 5 ed. São Paulo: Martins Fonte, 1999.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia*. Arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- _____. *Cibercultura*. 2 ed. São Paulo. Editora 34, 2000.
- _____. *Ciberespaço como um passo meta evolutivo*. Anais do VII seminário internacional de alfabetização e educação científica. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2000.
- LOGUERCIO, Rochele de Quadros. SOUZA, Diogo Onofre Gomes, DEL PINO, José Cláudio. *EDUCAÇÃO*. A Educação e o livro didático – implicações sociais. *Educação*. Porto Alegre - PUCRS V.21, p. 183 –194, 1998.
- MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

- MAFRA, N. D. F. A Literatura de massa como iniciação à literatura adolescente. *Contexto & Educação*, Ijuí, n.45, p.68-93, jan./mar. 1997.
- MAIGNIEN, Yannick. *La constitution de la collection numérisé de la Bibliothèque Nationale de France: vers un nouvel encycloédisme?* Literary and Linguistic Computing, Oxford University Press, v.10, n.1. 1995.
- MARTINS, Francisco Menezes, SILVA, Juremir Machado da, LEVACOV, Marília. *Para navegar no século 21. Tecnologias do imaginário e cibercultura*. 3 ed. Porto Alegre: 2003, Sulina/Edipucrs.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MOLES, Abraham. *Arte e Computador*. Tradução de Pedro Barboza. Porto: Afrontamento, 1990, p. 128.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Da fala ao Teclado*. CD 1: Brincando e aprendendo – ortografia. UFRJ. CD-ROM.
- MORAES, Denis de. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX: neurose*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 2ª edição, 1997.
- O *ABECEDÁRIO DE DELEUZE*. Confissões de um Pensador. São Paulo: Folha de São Paulo/MAIS! 30/05/2004. Diário.
- O *Perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam...* Editor(es): UNESCO, Instituto Paulo Montenegro, MEC/INEP, Ed. Moderna Ano: 2004.
- PAPERT, Seymour. *A Máquina das Crianças. Repensando a Escola na Era da Informática*. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Artes Médicas: Porto Alegre, 2000.
- QUARTIERO, Elisa Maria. *As tecnologias de informação de comunicação no espaço escolar: O programa nacional de informática na educação (PROINFO) em Santa Catarina*. (Tese em Engenharia de Produção) Curso de pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática: 1993.
- ROMERO, Sylvio. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. Condições de contorno e embates da assim chamada poesia digital. Apresentado no Rio de Janeiro em 2003. UFSC/CNPq.

_____. *Leituras de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itáu Cultural, 2003.

_____. *O ser e o existir do poema digital*. UFSC/CNPq, 2003

SODRÉ, M. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

VEIGA, J. José. *A estranha máquina extraviada*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. Tradução de Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *A bomba informática*. Tradução Luciano Viera Machado. São Paulo: Estação da liberdade, 1999.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. In: *A leitura para a criança e o jovem: Conhecimento ou Prazer?* 2. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.

Na rede

ABREU, Márcia. *O livro e suas dificuldades*. *Em Dia* (on-line). Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 1999. Disponível em <http://www.alb.com.br/textos.php?id=3> com acesso em janeiro de 2005

Agência Literária BMSR. *Entrevista com Luís Fernando Veríssimo*. Disponível em <http://www.bmsr.com.br/entrevista/textos/entrevista%20verissimo.htm> com acesso em outubro de 2005.

BARBOZA, Pedro. *Sintext – Gerador de Textos*. Disponível em <http://cetic.ufp.pt/sintext.htm> com acesso em março de 2004.

BIANCHETTI, Lucídio. *Dilemas do professor frente ao avanço da informática na escola*. Boletim Técnico do SENAC. Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 2 a 12, maio/ago de 1997. Disponível em <http://www.senac.br//informativo/bts/232/boltec232a.htm> com acesso em outubro de 2005.

Biblioteca do Futuro da USP. Disponível em <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/index.php> com acesso em outubro de 2005.

- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Informática e ensino da literatura na UFRGS*. Revista Texto Digital: 2004. Disponível em <http://www.textodigital.ufsc.br/> com acesso em agosto de 2006.
- BORBA, Maria Antonieta Jordão de O. *O leitor e a literatura: Paradigmas e rupturas nas propostas de Barthes e de Iser*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/encontro.html> com acesso em fevereiro de 2006.
- DARNTON, Robert. *The New Age of the book*. The new York Review: março, 1999. Disponível em <http://www.nybooks.com/articles/546> com acesso em outubro de 2005.
- Deutsche Welle. HÜLSKEN-STOBBE, Monika. *Ler ou não ler, eis a questão*. Disponível em <http://www.dw-world.de/dw/article/0,1564,1278529,00.html> com acesso em julho de 2004.
- Domínio Público. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/> com acesso em outubro de 2005.
- Educar e O Futuro do livro Digital. Disponível em http://educaterra.terra.com.br/almanaque/diadolivro2000/capa_diadolivro.htm com acesso em agosto de 2005.
- FHILADELFIO, Joana Alves. *Literatura, Indústria Cultural E Formação Humana*. Cad. Pesqui., Nov. 2003, no. 120, Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n120/a11n120.pdf> com acesso em agosto de 2005.
- FIORI, Ottaviano. *As políticas do livro*. Disponível em <http://www.minc.gov.br/textos/olhar/politicasilvro.htm> com acesso em agosto de 2005.
- Folha de São Paulo. Confira um raio-x sobre a internet no Brasil Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u18521.shtml> com acesso em maio de 2005.
- Folha OnLine. CONY, Carlos Heitor. *Cruz e Delícia*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/ult505u121.shtml> com acesso em: outubro de 2005.
- Fundação da Biblioteca Nacional. Músicas Digitalizadas de Chiquinha Gonzaga. Disponível em <http://www.bn.br/fbn/musica/chiqmid.htm> com acesso em março de 2005.
- Guias de Lectura da UCM Disponível em <http://www.ucm.es/info/guias/indexe.htm> com acesso em agosto de 2005.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2004. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/> com acesso em outubro de 2005.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em <http://www.iti.br/> com acesso em outubro de 2005.

Jornal de Poesia. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/> com acesso em outubro de 2005.

Livros à vista. Correio Braziliense. Disponível em http://www.unesco.org.br/noticias/opiniaio/artigow/2004/livros/mostra_documento com acesso em agosto de 2005.

Níveis De Estruturação E Dimensões De Transmissão Dos Livros De Português. Maria de Lourdes Dionísio de Sousa. Universidade do Minho. Disponível em http://www.ectep.com/literacias/formacoes/ensaio/02.html#* com acesso em julho de 2005.

NUPILL. Núcleo de pesquisa de Informática, Literatura e Lingüística. Disponível em <http://www.nupill.org/> com acesso em julho de 2006.

_____. *Obra completa, de Machado de Assis*. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Disponível em <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/> com acesso em agosto de 2004.

Página da UFC (2003) Universidade Federal do Ceará. Projeto Cátedra da UNESCO. *Quadro Cronológico da EAD no mundo e no Brasil* - Universidade Federal do Ceará. Disponível em <http://www.vdl.ufc.br/catedra/telematica/cronologia.htm - Toc457632061> com acesso em março de 2004.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasil, Ministério da Educação. Brasília. 2000. Disponível em <http://www.mec.gov.br> com acesso em abril de 2004.

Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - PCNEM - Orientações Curriculares do Ensino Médio – Encaminhamentos – Literatura. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/03Literatura.pdf> com acesso em agosto de 2005.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. *Unidade de Ensino a Distância*. PUCRS Virtual. Disponível em www.pucrsvirtual.br com acesso em março de 2004.

Portal Exame. *Google vai retomar digitalização de livros*. Disponível em <http://app.exame.abril.com.br/tecnologia/n0079451.html> com acesso em novembro de 2005. Revista Exame, Editora Abril.

_____. *No encalço do Google, Amazon e Microsoft investem em livros online*. Disponível em

http://portalexame.abril.uol.com.br/tecnologia/conteudo_102146.shtml com acesso em novembro de 2005.

PRADO, Gilberto. *As Redes Telemáticas: Utilizações Artísticas*. Disponível em <http://www.cap.eca.usp.br/wawrwt/textos/gilberto4.html> com acesso em março de 2004.

Preço dos livros, falta de bibliotecas e analfabetismo levam brasileiro a ler pouco
Disponível em <http://www.radiobras.gov.br/materia.phtml?materia=187985&q=1&editoria> com acesso em junho de 2004.

PROIN da UFRGS. Disponível em <http://www.ufrgs.br/proin/> com acesso em maio de 2004.

Project Gutenberg. Disponível em <http://www.promo.net/pg/> com acesso em outubro de 2005.

Radiobrás. Empresa Brasileira de Radiodifusão. Disponibilizado em <http://www.radiobras.gov.br> com acesso em janeiro de 2006.

Revista digital MAFUÁ. Disponível em <http://www.mafua.ufsc.br/> com acesso em novembro de 2005.

Retrato da Leitura do Brasil. ABRELIVROS, Associação Brasileira de Celulose e Papel – BRACELPA, Câmara Brasileira do Livro - CBL e Sindicato Nacional dos Editores de Livros – SNEL. Disponível em <http://www.crb7.org.br/cursoseventos/retratodaleituranobr.ppt> com acesso em janeiro de 2006.

Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares*. Florianópolis: COGEN, 1998. Disponível em <http://www.sc.gov.br> com acesso em: março de 2004.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. Acerca de uma textualidade informatizada. Artefato, artemáquina. Entre sedimentação e dinamismo ou o texto eletrônico e a oralidade, discutidos à luz de alguns comentários de Pierre Lévy. Gregório (hiper)lido. Literatura e(m) Computador. O saber internético. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/teoria.html> com acesso em dezembro de 2003.

_____. Textualidade Literária e Hipertexto Informatizado. Publicação eletrônica em 1996. Disponível em <http://www.cce.ufsc.br/~alckmar> com acesso em dezembro de 2003.

SENAC. *Histórico*. Disponível em http://www.senac.br/centroesp_ead/ com acesso em março de 2004.

Suplemento Literário a Ilha. *Entrevista com Raquel de Queiroz*. Disponível em <http://geocities.yahoo.com.br/prosapoesiaecia/rachelentrevista.htm> com acesso em outubro de 2005.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura. Disponível em <http://www.unesco.org.br/> com acesso em maio de 2004.

Universidade Federal Cearense. *Quadro Cronológico da EAD no mundo e no Brasil - Universidade Federal do Ceará*. Disponível em <http://www.vdl.ufc.br/catedra/telematica/cronologia.htm - Toc457632061> com acesso em março de 2004.

ZILBERMAN, Regina. *Leitura: História e Sociedade*. Material retirado do sítio CRE – Centro de Referência em Educação Mario Covas. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias%2005_013_a_017.pdf com acesso em agosto de 2005.